



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

Agricultura Orgânica no Distrito Federal: Uma Análise Exploratória

Evilasio da Silva Magalhães

Aluno

Professor Geraldo Sardinha Almeida

Orientador

Monografia apresentada ao
Centro de Excelência em
Turismo da Universidade de
Brasília para a obtenção do
certificado de Especialista em
Gastronomia e Segurança
Alimentar.

Brasília - DF, dezembro de 2004.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização em Gastronomia e Segurança Alimentar

AGRICULTURA ORGÂNICA NO DISTRITO FEDERAL: UMA
ANÁLISE EXPLORATÓRIA

Evilasio da Silva Magalhães
Aluno

Banca Examinadora:

Professor Geraldo Sardinha Almeida
Orientador

Professora Raquel Assunção Botelho
Membro da Banca

Brasília - DF, dezembro de 2004.

EVILASIO DA SILVA MAGALHÃES

AGRICULTURA ORGÂNICA NO DISTRITO FEDERAL: UMA
ANÁLISE EXPLORATÓRIA

Comissão Avaliadora

Professor Geraldo Sardinha Almeida
Orientador

Professora **Raquel Assunção Botelho**

Brasília - DF, dezembro de 2004.

A todos os meus mestres do Curso de Gastronomia e Segurança Alimentar do
Centro de Excelência em Turismo - CET,
minha admiração, carinho e gratidão.

Agradecimentos

À Raquel, nossa Coordenadora, pela dedicação, competência, profissionalismo, atenção, amizade e carinho.

À Vilma pelos exemplos, compromisso, apoio, ensinamentos, experiência e amizade.

Aos queridos Pedro e Graça pelas atenções, competência e amizade.

Ao Professor Geraldo Sardinha pelo apoio e atenção dispensados, além da firme e competente orientação.

A todos os alunos do curso por suas qualidades, troca de experiências de vida e, principalmente, pela sua amizade.

À Soraya, ao Rogério, ao Flávio, à Marina e à Socorro Diniz que me ajudaram a não “jogar a toalha”.

A todos os profissionais, praticantes e usuários da Agricultura Orgânica que me ajudaram com seus conhecimentos e informações e, em especial, a todos os produtores rurais que se dedicam a esta prática.

A minha família, principalmente a minha mulher Isinha a quem dedico esta monografia.

Aos meus filhos Pedro, Paulo e João, as minhas noras Tamara, Bianca e Mari e a meu neto Marquinhos.

Dois agradecimentos especiais: o primeiro a minha irmã Fafá e a minha querida amiga “irmã” Sarita que, usuárias de produtos orgânicos e defensoras de sua prática, me influenciaram a abordar esse tema; o segundo aos meus amigos Titico, Maurício e Chico Couto, que sempre torceram para que eu voltasse logo para o vôlei.

“É preciso que haja uma retomada de valores éticos que afirmem uma cultura de paz, diálogo e tolerância e que coloquem a fraternidade, a solidariedade e a alteridade como elementos centrais nas relações sociais e ambientais. A retomada desses valores deve estar articulada com a luta política pela democracia e abertura de novos espaços e mecanismos concretos de inclusão e participação. As estratégias ambientais são indissociáveis da luta contra enormes desigualdades e injustiças na relação entre países, seres humanos e regiões do planeta”¹.

¹www.forumsocialmundial.org.br Documento preparatório para Rio +10, acesso disponível em outubro 2002.

RESUMO

Agricultura Orgânica é um conjunto de processos de produção agrícola que considera a fertilidade como função direta da matéria orgânica contida no solo e que resgata as antigas práticas agrícolas, procurando adaptá-las às modernas tecnologias, buscando garantir uma produção econômica e ambientalmente sustentável.

O presente trabalho apresenta uma visão atual da Agricultura Orgânica no Distrito Federal e sugere ações que garantam o seu desenvolvimento e sustentabilidade. Foram abordados não apenas os aspectos históricos e as definições do que é a Agricultura Orgânica, mas também a sua cadeia produtiva, a classificação das diversas correntes existentes, sua relação com o turismo, sua importância na economia e a importância das feiras e eventos para o seu desenvolvimento e divulgação em Brasília. A pesquisa foi conduzida por meio de estudos, pesquisas e práticas já realizadas por profissionais especializados e comprometidos, autores e pesquisadores desse processo, entidades ligadas à área, tanto no cenário local, nacional e internacional e o principal autor que é o produtor rural desse segmento.

No desenvolvimento deste estudo ficou comprovado que a prática da Agricultura Orgânica em vários países vem assumindo um papel preponderante e sempre crescente na economia do planeta. Não somente pelos resultados econômicos, mas principalmente pelos aspectos relativos a maior consciência e responsabilidade social, de melhor qualidade de vida das pessoas e preservação do que resta da natureza. Sua prática passou a ter uma importância fundamental para a possibilidade do aumento do tempo de vida do planeta. Tornou-se evidente que priorizar iniciativas e investimentos do poder público, das empresas privadas e de todos os cidadãos, nesse segmento, contribuirá para que sejam criadas práticas mais humanas de desenvolvimento, onde, valores como a solidariedade, a ética, a alteridade e a cidadania sejam fundamentais, fazendo com que o mesmo seja realmente sustentável, em todos os sentidos.

Palavras-chave: 1.Agricultura Orgânica; 2.desenvolvimento sustentável;3.ética; 4.cidadania; 5.solidariedade.

ABSTRACT

The agriculture of organic products involves a wide variety of agricultural production processes, focusing always in the fertility itself, as a direct result of organic matter present in the soil. It does brings back a few “old fashioned” techniques of production, adapting them to the modern technologies, trying to maintain agriculture economically efficient and environmentally sustainable.

This work presents an actual vision of the agriculture of organic products in Distrito Federal and suggests actions that may assure its development and support. In this study it is proven that the organic agriculture, especially in some countries, has started to play an important and always increasing role in the global economy. It becomes clear that the organic culture's importance goes beyond the economical advantages, reaching other aspects such as social responsibility, an increase in people's quality of life and sense of environmental preservation. To prioritize initiatives and investments of the government, of private companies and of all the citizens, in this segment, will contribute to the creation of more humane ways of development. Through this ideal, values such as solidarity, ethics and citizenship would compose the basis, creating a self-sustainable cycle in itself. Organic agriculture in Brazil and particularly in District Federal is in development and it's still done basically in an amateur like manner, by isolated producers. In this work not only will be seen the historical evolution and definitions about organic agriculture, but also its productive chain; the classification of diverse existing theoretical chains; its relation with tourism; its economical importance; and the major role that fairs and related events play for its development and its acknowledgement by the population of Distrito Federal. This work is based upon studies, researches, and the experience of specialized and committed professionals, famous authors, entities in the local, national and international level and the main expert of this segment, the agricultural producer.

Keywords – 1.Organic Agriculture; 2.sustainable development; 3.ethics; 4.citizenship; 5.solidarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I JUSTIFICATIVA.....	12
II OBJETIVOS	12
III.METODOLOGIA.....	13
Capítulo 1. PRODUTOS ORGÂNICOS.....	14
1.1 Histórico da Agricultura Orgânica	14
1.2 O Agronegócio no Brasil e no Mundo.....	21
1.3 Produção de Orgânicos no Brasil	28
1.4 Cadeia Produtiva de Produtos Orgânicos no Brasil.....	36
Capítulo 2. PRODUTOS ORGÂNICOS NO DISTRITO FEDERAL.....	38
2.1 Histórico da Agricultura Orgânica no Distrito Federal.....	38
2.2 Diagnóstico da Situação Atual.....	43
2.3 Propostas de Ações.....	57
3. CONCLUSÃO.....	59
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61 62
ANEXOS	
Formulário de Pesquisa.....	63

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	15
FIGURA 2.....	21
FIGURA 3.....	22
FIGURA 4.....	25
FIGURA 5.....	36
FIGURA 6.....	46
FIGURA 7.....	49
FIGURA 8.....	49
FIGURA 9.....	50
FIGURA 10.....	50
FIGURA 11.....	51
FIGURA 12.....	52
FIGURA 13.....	53
FIGURA 14.....	53
FIGURA 15.....	54
FIGURA 16.....	54
FIGURA 17.....	55
FIGURA 18.....	55

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	23
TABELA 2.....	24
TABELA 3.....	25
TABELA 4.....	26
TABELA 5.....	29
TABELA 6.....	32
TABELA 7.....	34
TABELA 8.....	42
TABELA 9.....	49
TABELA 10.....	49
TABELA 11.....	50
TABELA 12.....	50
TABELA 13.....	51
TABELA 14.....	51
TABELA 15.....	52
TABELA 16.....	52
TABELA 17.....	53
TABELA 18.....	56

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.....	20
QUADRO 2.....	47

INTRODUÇÃO

“A natureza está ameaçada e a humanidade encontra-se numa encruzilhada civilizatória. Precisamos desenvolver um novo conjunto de significados, um novo senso de valores, capazes de redefinir nossas prioridades, na direção de um futuro justo, eqüitativo, solidário e ambientalmente sustentável. Fomos capazes de construir um grande progresso material...mas, por outro lado somos testemunhas de um mundo socialmente polarizado e ambientalmente degradado” (JARA, 1988:13)

A Agricultura Orgânica assume a cada dia um papel importantíssimo no contexto mundial, sendo inegável o seu crescimento comprovado por altas taxas e projeções sempre positivas.

É bastante significativo ressaltar a importância que a dimensão da sua prática vem assumindo a cada ano, pois entre as atividades com maiores índices de crescimento, se destaca pela capacidade de apresentar as melhores taxas de retorno aos investimentos realizados. Retornos não somente pelos resultados financeiros, mas, principalmente, pelo seu grande valor agregado no que se refere a sua contribuição social, através da geração de emprego digno e renda justa, fixação do homem no campo, e a possibilidade real que os países têm de não degradar mais ainda seus recursos naturais, contribuindo assim para preservação do meio ambiente local e, em escala, do planeta.

Não obstante o potencial que representa essa atividade de negócio, o mercado de ainda carece de iniciativas e investimentos que possam transformar a Agricultura Orgânica em uma área de negócio viável, que gere resultados positivos e substanciais.

O problema objeto do presente Estudo diz respeito à dificuldade dos atores e agentes econômicos do agronegócio brasileiro de reconhecer a importância dos produtos orgânicos e seu potencial mercadológico.

Inicialmente, será feita uma apresentação do desenvolvimento da Agricultura Orgânica desde os seus primórdios, uma abordagem do seu dimensionamento em termos de mundo e de Brasil até se chegar a Brasília. Será demonstrada sua importância do ponto de vista da sua contribuição

efetiva para o equilíbrio do meio ambiente, inserção social e cidadania. O Capítulo 1 discorrerá sobre Produtos Orgânicos abordando aspectos históricos, mercadológicos (nacional e internacional) e produtivos.

O Capítulo 2 tratará especificamente da prática da Agricultura Orgânica no Distrito Federal, diagnosticando a situação atual e propondo ações.

I – JUSTIFICATIVA

O tema deste trabalho surgiu da necessidade de chamar atenção para a importância da prática da Agricultura Orgânica e, em particular, de fazer um levantamento do seu estágio no Distrito Federal, sugerindo ações que consolidem a sua utilização e promovam o seu crescimento harmônico e sustentável.

Chamar a atenção também para a idéia de sustentabilidade da agricultura, como uma das questões chave na problemática do meio ambiente, revelando a insatisfação com a agricultura moderna e indicando o desejo social de um modelo de produção que, simultaneamente, conserve os recursos naturais e forneça produtos isentos de resíduos.

Enfatizar as características de um padrão de agricultura sustentável onde predomina o uso intensivo em mão-de-obra, capacidade de fixar maior contingente populacional no campo, gerando emprego, renda e cidadania.

Finalmente evidenciar a necessidade da formulação e implementação de políticas públicas específicas que articulem as preocupações sociais com o meio ambiente e com a produção de alimentos saudáveis.

II – OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Demonstrar a importância dos produtos orgânicos e seu potencial mercadológico.

Objetivos Específicos:

- Realizar levantamento histórico da Agricultura Orgânica no mundo e no Brasil;

- Fazer um levantamento do estágio atual da Produção Orgânica no DF, focando organização, produtores, produtos, demanda local, perfil dos consumidores, logística de distribuição e marketing. Apresentar propostas objetivas de ação, que devem colaborar efetivamente para a consolidação e crescimento da Agricultura Orgânica no Distrito Federal.

III – METODOLOGIA

O trabalho apresentado desenvolveu-se com base nas seguintes pesquisas:

- Exploratória: levantamento bibliográfico de publicações voltadas para a prática da Agricultura Orgânica e também visitas a web sites sobre o assunto, sempre no idioma português e considerando dados até o ano de 2003.
- Documental: análises de informações e publicações específicas existentes, tais como revistas especializadas e matérias publicadas em jornais brasileiros, considerando-se os dados referentes até o ano de 2003.
- Levantamento de Campo: foram coletados dados por meio da aplicação de formulário de pesquisa específico, elaborado pelo pesquisador (Anexo I). As entrevistas foram realizadas na “feira verde”, denominada Mercado Orgânico, que se realiza aos Sábados no CEASA/ DF. Foram aplicados 100 (cem) questionários, sendo que 45 (quarenta e cinco) deles foram preenchidos corretamente e considerados válidos pelo Estudo.
- O instrumento de coleta de dados foi desenvolvido pelo pesquisador com base na revisão da literatura e em pesquisas já realizadas (CERVEIRA *et.al*, 2004; DAROLT, 2002).

- Após coleta das informações, foram desenvolvidos dois capítulos de revisão, baseados nas fontes de dados consultadas e nos elementos obtidos na pesquisa de campo, contemplando no Capítulo 2, item 2.2, as sugestões e propostas de ações formuladas pelo pesquisador, no sentido de contribuir para o crescimento da Agricultura Orgânica no Distrito Federal.

Capítulo 1. PRODUTOS ORGÂNICOS

1.1 Histórico da Agricultura Orgânica

De acordo com Darolt (2002), desde o final do século XIX existia na Europa, mais especificamente na Alemanha, um movimento por uma alimentação natural, que preconizava uma vida mais saudável. No início do século XX, mais especificamente na década de 1920, surgiram as primeiras correntes alternativas ao modelo convencional de agricultura.

Segundo TATE (Abud Darolt 2002), cita o autor, o avanço lento destes movimentos e suas repercussões práticas ocorreram em função do forte lobby da agricultura química, ligada a interesses econômicos de uma agricultura moderna em construção.

Destaca, ainda, que a agricultura orgânica da atualidade representa a fusão de diferentes correntes de pensamento e, no intuito de visualizar essas correntes, elaborou o esquema apresentado na **Figura 1**.

Conforme EHLERS (Abud Darolt 2002), refere-se o autor, pode-se agrupar o movimento orgânico em quatro grandes vertentes: agricultura biodinâmica, biológica, orgânica e natural.

Ainda segundo Darolt (2002), no que diz respeito à Agricultura Biodinâmica, em 1924, o filósofo austríaco Dr. Rudolf Steiner apresentou uma visão alternativa de agricultura baseada na ciência espiritual da antroposofia, ciência detalhada em KLETT (Abud Darolt 2002), lançando os fundamentos do que seria a Agricultura Biodinâmica. As idéias de Steiner foram difundidas por

vários países do mundo, com a colaboração Pfeiffer, KOEPF et al.(Abud Darolt 2002).

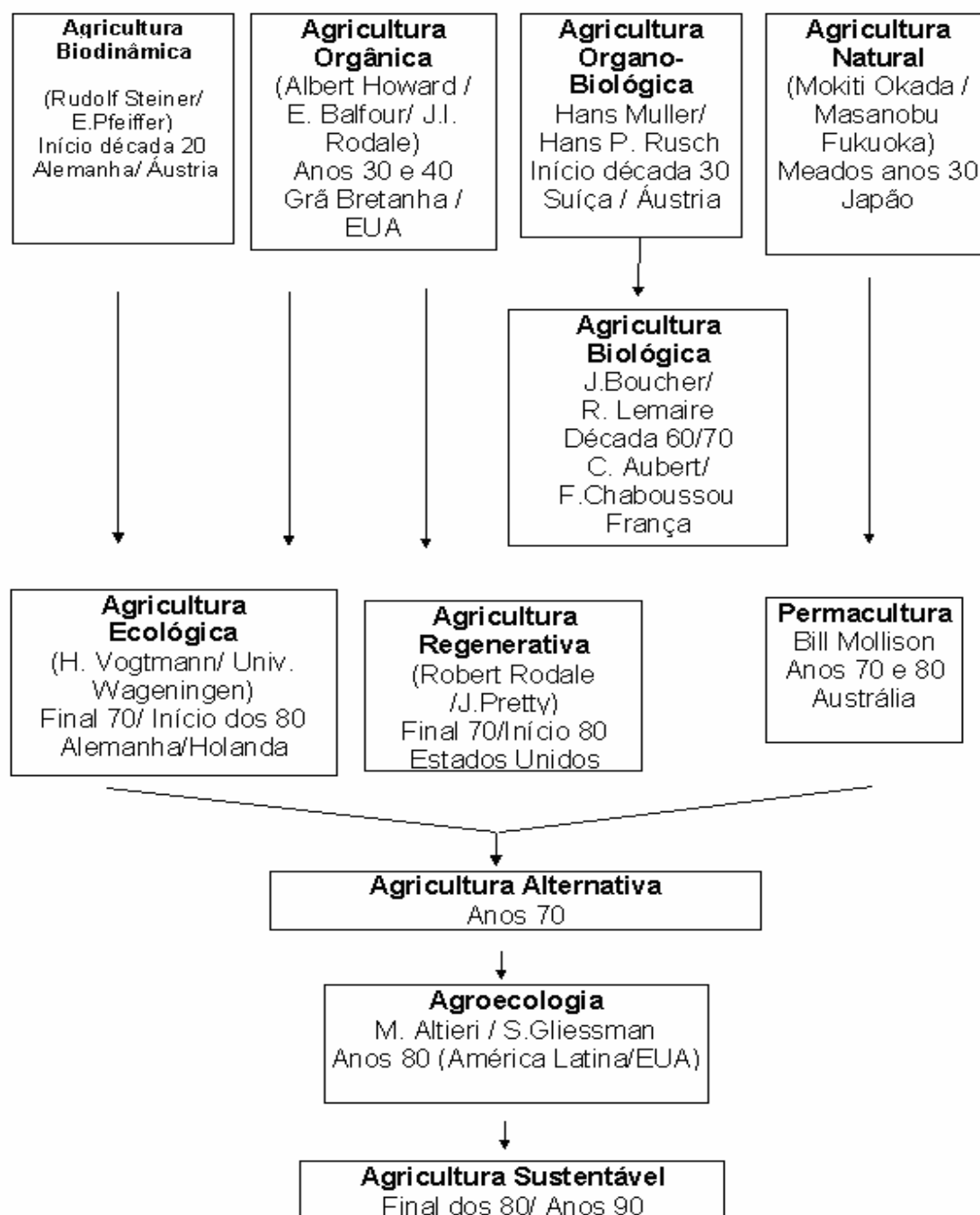


Figura 1–Principais correntes de pensamento ligadas ao Movimento Orgânico e seus precursores.

Fonte: DAROLT(2002)

No Brasil, conforme Khatounian (2001), a Agricultura Biodinâmica foi inicialmente ligada à colônia alemã, estabelecendo-se pioneiramente em Botucatu, numa fazenda chamada Estância Demétria. Posteriormente, essa unidade foi assumindo novas funções e se desmembrando em outras organizações, que são atualmente ativas na formação de pessoal, certificação e divulgação.

Relacionado ainda com este método, finalmente Darolt (2002), ressalta ser importante informar que as práticas agrícolas biodinâmicas possuem seu próprio sistema de certificação, fiscalização e credenciamento de agricultores. Todavia, as unidades de produção biodinâmicas são agrupadas sob a denominação genérica de Agricultura Orgânica, ou seja, uma unidade de produção biodinâmica também é orgânica, porém o contrário não é verdadeiro.,

A Agricultura Orgânica, segundo Darolt (2002), tem no inglês Sir Albert Howard, e de forma independente do movimento biodinâmico, o seu iniciador. Um dos princípios básicos defendidos por Howard, era o não-uso de adubos artificiais e de adubos químicos minerais.

Segundo Khatounian (2001), após mais de três décadas de observação, experimentação e reflexão, Haward publica *An Agricultural Testament*, em 1940, ainda hoje um clássico em Agricultura Ecológica.

Khatounian (2001), e Darolt (2002), se referem a dois importantes seguidores das idéias de Howard: a inglesa Lady Eve Balfour e o americano Jerome Irving Rodale, que fundaram a organização The Soil Association em Suffolk, Inglaterra, e o Rodale Institute na Pensilvânia, Estados Unidos, respectivamente. Ambos os autores destacam a forte contribuição desses dois pesquisadores em prol da difusão da Agricultura Orgânica e fazem referência à atuação das duas organizações que até os dias de hoje estão em atividade. A inglesa como certificadora e a americana que realiza pesquisas, extensão e ensino em Agricultura Orgânica.

A Agricultura Regenerativa PRETTY (Abud Darolt 2002), é apresentada como sendo um modelo que surgiu no final da década de 70 e início de 80, nos Estados Unidos, a partir da Agricultura Orgânica e proveniente das idéias de Howard e Rodale.

A Agricultura Biológica, segundo Darolt (2002), tem a sua origem no início dos anos de 1930, através de estudos do biólogo e homem político, Dr. Hans Muller, que fundamentava a sua prática na fertilidade do solo e na microbiologia, e chamava-se Agricultura Organo-Biológica.

Cita o autor que os objetivos iniciais dessa corrente eram basicamente socioeconômicos e políticos, ou seja, buscavam a autonomia do agricultor e um sistema de comercialização direta. Mais tarde, por volta da década de 1960, essas idéias se concretizaram quando o médico austríaco Dr. Hans Peter Rusch difundiu este método.

Nessa época, segundo SILGUY (Abud Darolt, 2002), as preocupações dessa corrente tinham uma ligação forte com o movimento ecológico, ou seja, com a idéia de proteção do meio ambiente, a melhoria da qualidade biológica dos alimentos e o desenvolvimento de fontes de energia renováveis. O autor destaca, entre os numerosos adeptos desse movimento, a Fundação Nature & Progrès, na França, a Associação Bioland, na Alemanha e, na Suíça, as cooperativas Muller.

Darolt (2002) e Khatounian (2001) registram que os princípios da Agricultura Biológica foram introduzidos na França, após a segunda guerra mundial, e seus fundamentos teóricos serão sistematizados por Claude Aubert no livro *L'Agriculture Biologique*, que destaca a importância de manter a saúde dos solos para melhorar a saúde das plantas (qualidade biológica dos alimentos) e, em consequência, melhorar a saúde do homem.

Outro personagem importante para o desenvolvimento científico desse movimento, citado somente por Darolt (2002), é Francis Chaboussou, que publicou em 1980 *Les plantes malades des pesticides*, traduzido para o português como "Plantas doentes pelo uso de agrotóxico: A teoria da trofobiose". Sua obra mostra que uma planta em bom estado nutricional torna-se mais resistente ao ataque de pragas e doenças. Outro ponto que o autor destaca é que o uso de agrotóxicos causa um desequilíbrio nutricional e metabólico à planta, deixando-a mais vulnerável e causando alterações na qualidade biológica do alimento.

No início dos anos 60, o agrônomo Jean Boucher e o médico Raoul Lemaire deram uma conotação comercial muito forte ao movimento, criando o

"método Lemaire-Boucher", que preconizava a utilização de substâncias de origem marinha, que era comercializada pela sociedade formada entre ambos, DAROLT (2002).

A Agricultura Natural e Permacultura são correntes importantes do movimento orgânico. A Agricultura Natural surgiu em meados da década de 1930 e começo da década de 1940. Este movimento, conforme Khatounian (2001), de caráter filosófico-religioso cuja figura central foi Mokiti Okada, resultou numa organização conhecida até hoje como Igreja Messiânica. Um dos pilares desse movimento foi o método agrícola denominado Shizen Noho, traduzido como "método natural" ou Agricultura Natural.

Khatounian (2001) acrescenta que esse método foi influenciado pelo fitopatologista Masanobu Fukuoka, que preconizava a menor alteração possível no funcionamento dos ecossistemas, alimentando-se diretamente do Zen-Budismo. Constitui uma das mais ricas fontes de inspiração para o aprimoramento das técnicas de produção orgânica.

No Brasil a difusão inicial desse método esteve ligada à colônia japonesa, em cujo seio a Igreja Messiânica se estabeleceu. Atualmente a Agricultura Natural inclui braços empresariais voltados à comercialização e à certificação.

Na Austrália, de acordo com Darolt (2002), essas idéias evoluíram nas mãos do Dr. Bill Mollison e deram origem a um novo método, conhecido como **Permacultura**, que significa um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes (de onde vem o nome), úteis ao homem. Algumas particularidades diferenciam a agricultura natural dos outros modelos. A primeira delas diz respeito ao uso de microrganismos eficientes ou *effective microorganisms*, conhecidos como EM. Esses microrganismos são utilizados como inoculantes para o solo, planta e composto. Outra particularidade é a não utilização de dejetos animais nos compostos. Argumenta-se que os dejetos animais aumentam o nível de nitratos na água potável, atraem insetos e proliferam parasitas.

Conforme Darolt (2002), o conjunto de correntes denominadas Agricultura Alternativa, Agroecologia e Agricultura Sustentável passou, a ser

chamado de **Agricultura Alternativa**, a partir dos anos 70. O termo surgiu em 1977, na Holanda, quando o Ministério da Agricultura e Pesca publicou um importante relatório, conhecido como "Relatório Holandês", contendo a análise de todas as correntes não-convencionais de agricultura, que foram reunidas sob a denominação genérica de agricultura alternativa.

A partir dos anos 80, uma disciplina de base científica, conhecida como **Agroecologia**, passou a ser empregada para designar, sobretudo, um conjunto de práticas agrícolas alternativas, mesmo que seus precursores insistissem sobre um conceito mais amplo, que incorporava um discurso social ALTIERI; GLIESSMAN (Abud Darolt 2002).

Acrescenta ainda o autor que o termo agroecologia é também empregado, segundo COSTA (Abud Darolt 2002), para designar o movimento formado principalmente por organizações não governamentais (ONGs) e parte do segmento acadêmico, que trabalham segundo os pressupostos da agroecologia junto a movimentos sociais, na esfera produtiva e sociopolítica.

No final dos anos 80 e durante a década de 90, o conceito amplamente difundido foi o de **Agricultura Sustentável**, Darolt (2002). Este conceito muito amplo e repleto de contradições deve ser considerado mais como um objetivo a ser atingido do que, simplesmente, um conjunto de práticas agrícolas. Entretanto, segundo a Instrução Normativa que dispõe sobre as normas para produção de produtos orgânicos, o conceito de sistema orgânico de produção agropecuária abrange também o termo **Agricultura Sustentável**.

Desta forma, as várias correntes citadas (Biodinâmica, Biológica, Natural, Permacultura, Ecológica, Agroecológica, Regenerativa e, em alguns casos, a Agricultura Sustentável), cujos princípios, fundamentos e particularidades são apresentados no **Quadro1**, são consideradas como uma forma de **Agricultura Orgânica**, desde que estejam de acordo com as normas técnicas para produção e comercialização, apesar das pequenas particularidades existentes.

Destaca-se que o ponto comum entre as diferentes correntes que formam a base da **Agricultura Orgânica** é a busca de um sistema de produção sustentável no tempo e no espaço, mediante o manejo e a proteção

dos recursos naturais, sem a utilização de produtos químicos agressivos à saúde humana e ao meio ambiente, mantendo o incremento da fertilidade, a vida dos solos, a diversidade biológica e respeitando a integridade cultural dos agricultores.

MOVIMENTO OU CORRENTE	PRINCÍPIOS BÁSICOS	PARTICULARIDADES
Agricultura Biodinâmica (ABD)	É definida como uma "ciência espiritual", ligada à antroposofia, em que a propriedade deve ser entendida como um organismo. Preconizam-se práticas que permitam a interação entre animais e vegetais; respeito ao calendário astrológico biodinâmico; utilização de preparados biodinâmicos, que visam reativar as forças vitais da natureza; além de outras medidas de proteção e conservação do meio ambiente.	Na prática, o que mais diferencia a ABD das outras correntes orgânicas é a utilização de alguns preparados biodinâmicos (compostos líquidos de alta diluição, elaborados a partir de substâncias minerais, vegetais e animais) aplicados no solo, planta e composto, baseados numa perspectiva energética e em conformidade com a disposição dos astros.
Agricultura Biológica (AB)	Não apresenta vinculação religiosa. No início o modelo era baseado em aspectos socioeconômicos e políticos: autonomia do produtor e comercialização direta. A preocupação era a proteção ambiental, qualidade biológica do alimento e desenvolvimento de fontes renováveis de energia. Os princípios da AB são baseados na saúde da planta, que está ligada à saúde dos solos. Ou seja, uma planta bem nutrida, além de ficar mais resistente a doenças e pragas, fornece ao homem um alimento de maior valor biológico.	Não considera essencial a associação da agricultura com a pecuária. Recomenda o uso de matéria orgânica, porém essa pode vir de outras fontes externas à propriedade, diferentemente do que preconizam os biodinâmicos. Segundo seus precursores, o mais importante era a integração entre as propriedades e com o conjunto das atividades socioeconômicas regionais. Este termo é mais utilizado em países europeus de origem latina (França, Itália, Portugal e Espanha). Segundo as normas uma propriedade "biodinâmica" ou "orgânica", é também considerada como "biológica".
Agricultura Natural (AN)	O modelo apresenta uma vinculação religiosa (Igreja Messiânica). O princípio fundamental é o de que as atividades agrícolas devem respeitar as leis da natureza, reduzindo ao mínimo possível a interferência sobre o ecossistema. Por isso, na prática não é recomendado o revolvimento do solo, nem a utilização de composto orgânico com dejetos de animais. Aliás, o uso de esterco animal é rejeitado radicalmente.	Na prática se utilizam produtos especiais para preparação de compostos orgânicos, chamados de <i>microrganismos eficientes</i> (EM). Esses produtos são comercializados e possuem fórmula e patente detidas pelo fabricante. Esse modelo está dentro das normas da agricultura orgânica.
Agricultura Orgânica (AO)	Não tem ligação a nenhum movimento religioso. Baseado na melhoria da fertilidade do solo por um processo biológico natural, pelo uso da matéria orgânica, o que é essencial à saúde das plantas. Como as outras correntes essa proposta é totalmente contrária à utilização de adubos químicos solúveis. Os princípios são, basicamente, os mesmos da agricultura biológica.	Apresenta um conjunto de normas bem definidas para produção e comercialização da produção determinadas e aceitas internacionalmente e nacionalmente. Atualmente, o nome "agricultura orgânica" é utilizado em países de origem anglo-saxã, germânica e latina. Pode ser considerado como sinônimo de agricultura biológica e engloba as práticas agrícolas da agricultura biodinâmica e natural.

Quadro 1 - Princípios básicos e particularidades dos principais movimentos que originaram os métodos orgânicos de produção

FONTE: DAROLT (2000)

1. 2 O Agronegócio Orgânico no Brasil e no Mundo

Segundo a Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM), o sistema orgânico já é praticado em mais de uma centena de países ao redor do mundo, sendo observada uma rápida expansão, sobretudo na Europa, EUA, Japão, Austrália e América do Sul. Esta expansão está associada, em grande parte, ao aumento de custos da agricultura convencional, à degradação do meio ambiente e à crescente exigência dos consumidores por produtos “limpos”, livres de substâncias químicas e/ ou geneticamente modificados, (Darolt, 2002).

De acordo com YUSSEFI (2003), refere-se Darolt, atualmente no mundo cerca de 23 milhões de hectares são manejados organicamente em aproximadamente 400.000 propriedades orgânicas, o que representa pouco menos de 1% do total das terras agrícolas do mundo. A maior parte destas áreas está localizada na Austrália (10,5 milhões de hectares), Argentina (3,2 milhões de hectares) e Itália (cerca de 1,2 milhões de hectares). Estes dados estão representados esquematicamente na **Figura 2**.

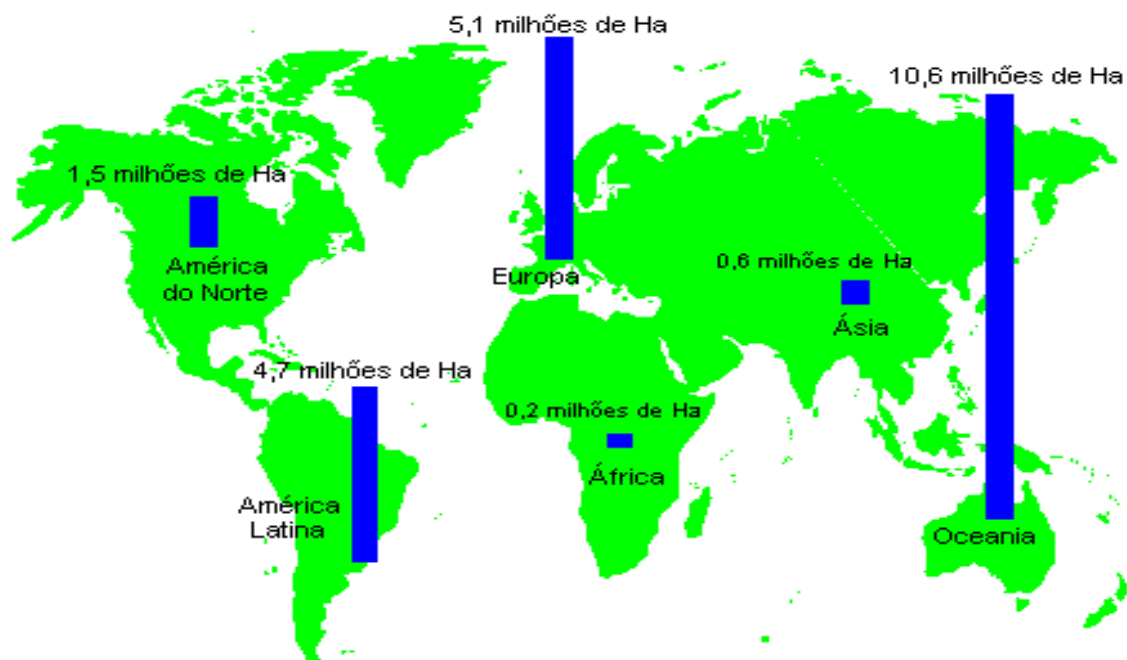


Figura 2 - Distribuição mundial das áreas em Agricultura Orgânica, segundo os diferentes continentes.

FONTE: DAROLT (2002), Revisão ampliada e atualização de dados contidos no livro “Agricultura Orgânica: inventando o futuro” de Moacir Darolt, IAPAR, 2002. Disponível na Internet <http://www.agromil.com.br/agricorganica.html>. Acesso em julho 2004.

A Oceania tem aproximadamente 46% da terra orgânica do mundo, seguida pela Europa (23%) e América Latina (21%). É importante destacar que os países que têm o maior percentual de área sob manejo orgânico em relação à área total destinada à agricultura, computam a área de pastagem. Assim, por exemplo, em países como a Austrália e Argentina mais de 90% da área de produção orgânica correspondem a áreas de pastagem. O mesmo acontece nos países da Europa: na Áustria 80% da área orgânica referem-se à pastagem; na Holanda, 56%; na Itália, 47% e no Reino Unido 79%.

Darolt(2002), faz uma análise comparativa entre o tamanho de área manejada sob o sistema orgânico e o número de propriedades orgânicas, sendo possível perceber que a maior parte do volume da produção orgânica mundial ainda é proveniente de pequenas e médias propriedades. Por meio da **Figura 3** observa-se a distribuição das fazendas orgânicas na Europa (44,1%), América Latina (19,0%) e Ásia (15,1%).

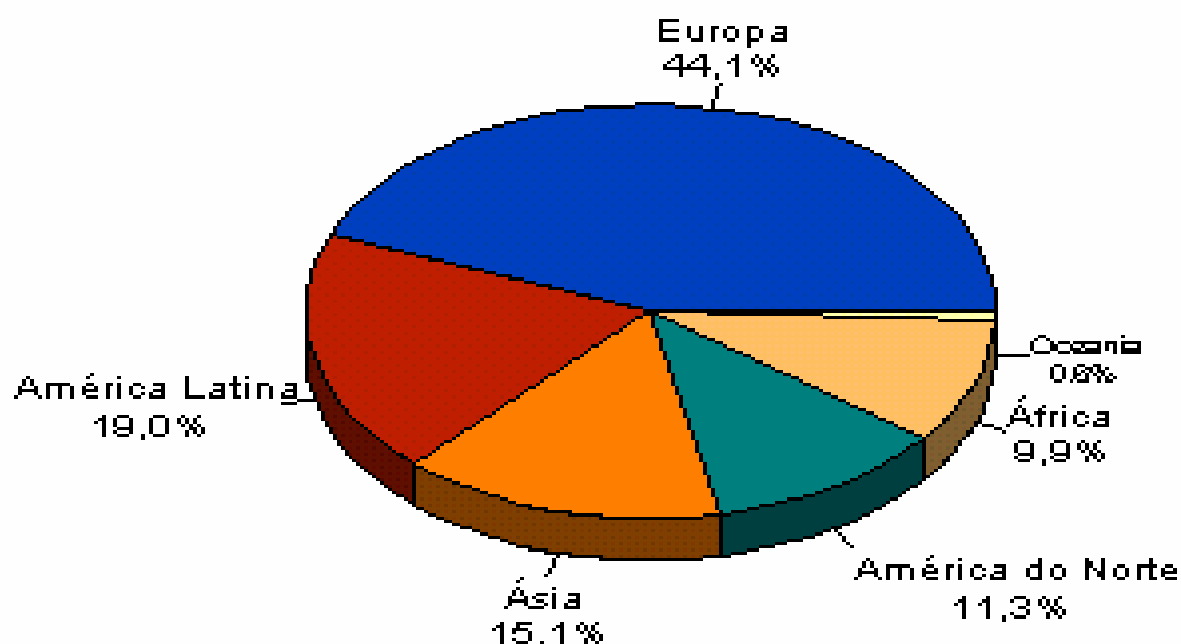


Figura 3 – Percentual do número total de propriedades orgânicas, segundo os diferentes continentes.

FONTE: DAROLT (2002), Revisão ampliada e atualização de dados contidos no livro "Agricultura Orgânica: inventando o futuro" de Moacir Darolt, IAPAR, 2002. Disponível na Internet <http://www.agromil.com.br/agricorganica.html>. Acesso em julho 2004.

Diante desses dados, verifica-se que a Europa, América do Norte e América Latina são responsáveis por, aproximadamente, 80% das áreas manejadas organicamente no mundo.

A **Tabela 1** mostra que existem na Europa cerca de 180 mil propriedades orgânicas, ocupando uma área de 5,1 milhões de hectares e correspondendo, portanto, aos 44% apresentados graficamente.

Tabela 1 – Número de propriedades, porcentagem do número total de propriedades, área cultivada e porcentagem da área agrícola total com Agricultura Orgânica, na Europa.

País	Número de Propriedades	% do Número Total de Propriedades	Área Orgânica (1000 hectares)	% da Área Agrícola Total	Data
Itália	56.440	2,44	1.230	7,9	2001
Áustria	18.292	9,3	285,5	11,3	2001
Espanha	15.607	1,29	485	1,6	2001
Alemanha	14.703	3,28	632,1	3,7	2001
França	10.364	1,55	419,7	1,4	2001
Grécia	6.680	0,81	31,1	0,6	2001
Suíça	6.169	10,2	102,9	9,7	2001
Finlândia	4.983	6,4	0147,9	6,6	2001
UK (Reino Unido)	3.981	1,71	679,6	3,9	2001
Suécia	3.589	4,01	193,6	6,3	2001
Dinamarca	3.525	5,58	174,6	6,5	2001
Noruega	2.099	3,09	26,6	2,6	2001
Polônia	1.787	0,07	44,8	0,3	2001
Holanda	1.528	1,42	38	1,9	2001
Hungria	1.040	-	105	1,8	2001
Iugoslávia	1.000	-	15,2	0,3	2001
Irlanda	997	0,69	30	0,6	2001
Portugal	917	0,22	70,8	1,8	2001
Bélgica	694	1,03	22,4	1,6	2001
Rep. Tcheca	654	2,3	218,1	5	2001
Outros**	20.767		196,2	-	-
TOTAL	175.816	-	5.149,10	-	2001

FONTE: DAROLT (2002)

NOTA: **Bulgária, Croácia, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Luxemburgo e Romênia.

Com relação à América Latina, segundo a Federação Internacional dos Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM), o sistema é praticado em 20 países da América Central e Caribe e 10 países da América do Sul. Atualmente, cerca de 75 mil produtores cultivam aproximadamente 4,7 milhões de hectares sob manejo orgânico na América Latina, conforme mostra em detalhes a **Tabela 2**, correspondendo portanto aos 19% apresentados esquematicamente,

Tabela 2 – Número de propriedades, porcentagem do número total de propriedades, área cultivada e porcentagem da área agrícola total com Agricultura Orgânica, na América Latina.

País	Área Orgânica (Hectares)	Número de Produtores	% Áreal Total	Data
ARGENTINA	3.192.000	1.900	1,89	2001
BOLÍVIA	19.634	5.240	0,06	2001
BRASIL *	275.576	14.866	0,08	2001
CHILE **	3.300	300	1,5	2000
COLÔMBIA	30.000	4.000	0,24	2001
COSTA RICA	8.974	3.569	2	2000
EQUADOR ***	10.000	2.500	-	2001
EL SALVADOR	4.900	1.000	0,31	2000
GUATEMALA	14.746	2.830	0,33	2000
NICARÁGUA	7.000	2.000	0,09	2001
PARAGUAY	61.566	2.542	0,26	2001
PERU	84.908	19.685	0,27	2001
R. DOMINICANA	14.963	1.000	0,4	2001
URUGUAI	678.481	334	4	2001
OUTROS	78.065	5.533	-	2000/01
TOTAL	4.743.813	75.799	-	-

FONTE: DAROLT (2002)

NOTAS: *Recentemente foram certificados cerca de 500.000 hectares de pastagens orgânicas nos estados do Mato Grosso

** Para o ano de 2002, foram incorporados 600.000 hectares de pastagens orgânicas recentemente certificadas na Região de Magallanes, para produção de ovelha orgânica (ECOSUR, www.agendaorganica.cl) / *** Informações do Prof. Manuel B. Suquilanda Valdivieso, publicadas no site www.agendaorganica.cl.

Complementando as informações, quanto ao mercado da América do Norte, estatísticas recentes mostram que existem cerca de 6.949 propriedades orgânicas nos Estados Unidos, cobrindo uma área de 950 mil hectares, onde se cultiva principalmente cereais, com destaque para soja e trigo HAUMANN (Abud DAROLT, 2002).

Segundo dados da *Organic Farming Research Fundation* / Fundação de Pesquisa em Agricultura Orgânica, aproximadamente 1% do mercado americano de alimentos é proveniente de métodos orgânicos de produção. Em 1996, isso representava em torno de US \$ 3,5 bilhões em vendas. Nos últimos anos a venda de produtos orgânicos tem sido incrementada em até 20% ao ano. A **Tabela 3** mostra os principais produtos comercializados, por categoria, no mercado da América do Norte.

Tabela 3 - Venda de produtos orgânicos por categoria de mercadoria, em (US\$), no mercado dos Estados Unidos.

Produto	1998	1999	2000
	US \$ (1.000.000)	US \$ (1.000.000)	US \$ (1.000.000)
Frutas e vegetais	3.486	3.904	4.294
Derivados de Leite	424	598	832
Congelados	400	565	813
Produtos Refrigerados	274	329	401
Grãos	201	278	400
Carne e Lingüiça	168	218	288
Produtos de Conveniência	145	196	269
Outros	112	129	145
Alimento para bebê	84	117	166
Sucos	60	75	91
Cerveja e Vinho	46	54	60
TOTAL	5.400	6.463	7.759

FONTES: OTA (2000)

Este crescimento é demonstrado através da **Figura 4**, objetivando melhor visualização de como foi a evolução desse mercado em relação a cada ano.

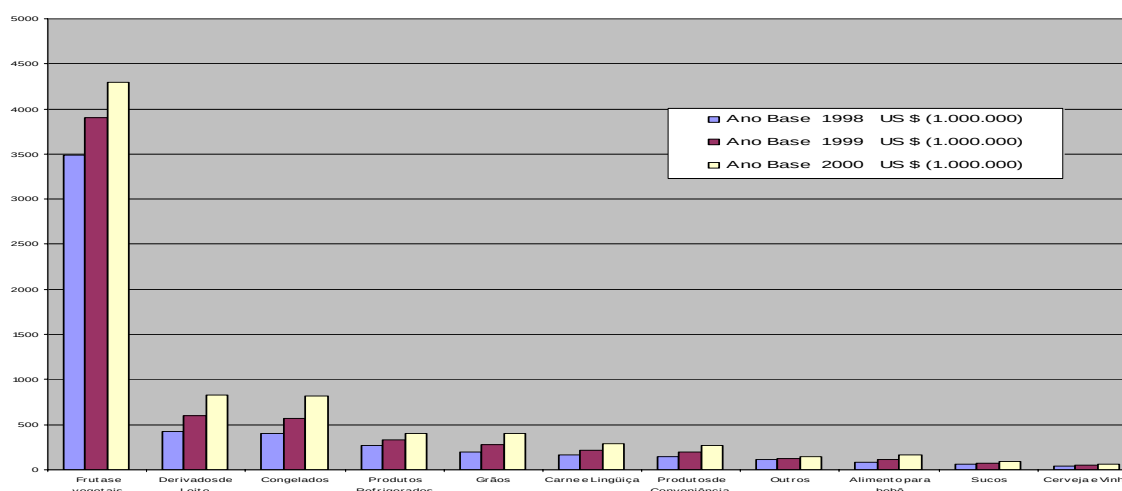


Figura 4 – Evolução das vendas de Produtos Orgânicos no mercado dos Estados Unidos.

FONTES: OTA (2000)

Estas estatísticas sobre o setor de alimentos orgânicos ainda são insuficientes, o que dificulta a obtenção de números mais precisos sobre o tamanho deste mercado, Darolt, (2002). Todavia, baseado em estimativas do *International Trade Center* (ITC), KORTBECH-OLESEN (2003) apresenta dados relativos ao comércio mundial de alimentos orgânicos, **Tabela 4**,

Tabela 4 – Evolução do comércio mundial de Alimentos Orgânicos

COMÉRCIO MUNDIAL DE ALIMENTOS (Considerado somente 16 países europeus, América do Norte e Japão)			
2000	2001	2003(*)	2005(*)
US\$17,5 bilhões	US\$21 bilhões	US\$23/ 25 bilhões	US\$29/ 31 bilhões
CRESCIMENTO	20.00%	19.05%	20.00%

(*) DADOS ESTIMADOS

FONTE: Adaptado de Darolt (2002)

Mesmo sendo os números apresentados bastante expressivos e apesar do rápido crescimento dos últimos anos, o segmento de Alimentos Orgânicos ainda pode ser considerado como um nicho de mercado. As vendas de orgânicos representam apenas uma pequena parcela do total de alimentos vendidos, não mais que 3 a 4%. Os dados indicam que existe um potencial enorme de crescimento para este setor em todo o mundo, Darolt (2002).

Darolt (2002) relaciona cinco pontos fundamentais para que a prática da Agricultura Orgânica no mundo tenha sucesso no seu desenvolvimento, quais sejam:

- Necessidade de maior **incentivo financeiro aos produtores**. Na maioria dos países europeus, como a Áustria e a Suíça, por exemplo, onde existe maior incentivo financeiro, o número de unidades de produção em conversão também é maior.
- Montagem de um eficiente sistema de **informação aos produtores e consumidores**, a exemplo do que existe em países como a Suíça, Alemanha e Estados Unidos, onde os Institutos de Pesquisa em Agricultura Orgânica são responsáveis pela pesquisa, extensão e acompanhamento do sistema e atuam fortemente. Nota-se que a evolução é nitidamente maior no Japão onde, desde o final de 1970,

existem movimentos para organização e educação dos consumidores. Atualmente, o mercado japonês é um dos principais consumidores mundiais, impulsionando a produção sustentável.

- Ampliar cada vez mais as condições de **acesso e disponibilidade de produtos orgânicos**. Muitas vezes, o consumidor tem dificuldades de encontrar o produto, seja pela falta do mesmo ou seja pelos poucos locais de venda. Nos países que oferecem uma gama de opções, tais como, venda direta, cooperativa de consumidores, lojas de produtos naturais, redes de supermercados, feiras, entre outros, o sistema tem obtido maior sucesso.
- As questões relacionadas ao **marketing, logomarca, por exemplo, e à proteção legal**, são importantíssimas, pois criam identidade e credibilidade, principalmente. Nos Estados Unidos, por exemplo, seus produtos são defendidos legalmente (Regulamentação EU nº 2,092/91), fato este que proporciona mais segurança e proteção para o produtor e, principalmente, para o consumidor. E, com relação aos aspectos de divulgação, Darolt(2002) cita a França, a Suíça, a Áustria e a Grã-Bretanha, como locais onde os seus produtos recebem uma logomarca nacional. Nessa linha também é citado o exemplo da Alemanha onde havia uma acirrada competição entre nove grandes *trade-marks* de alimentos orgânicos que estava confundindo os consumidores. A partir de 2001 foi lançado um selo comum para todo o país.
- **A implementação de um plano de desenvolvimento para médio e longo prazo** deve ser bem definida, envolvendo o acompanhamento às unidades de produção, apoio à pesquisa, marketing e informação de agricultores e consumidores.

Quanto aos desafios que a produção orgânica mundial deverá enfrentar para atender a este “nicho” de mercado, segundo Darolt (2002), os principais são:

- Desenvolvimento de mercados locais, sobretudo em países considerados “em desenvolvimento”.

- Construção de um ambiente político favorável que facilitará definições claras e uma legislação eficiente para a agricultura orgânica, não somente para exportação como também para fortalecer a confiança do consumidor.
- Em nível internacional é essencial que haja uma harmonia entre os padrões de produtos orgânicos para facilitar o comércio. Nesse sentido a IOFAM e a FAO já avançaram muito ao implementarem o *Codex Alimentarius*.
- Outro grande desafio refere-se à manutenção de relações de comércio justo. Apesar de existirem alguns programas de trabalho mútuo, é necessário que os efeitos de sinergia entre agricultura orgânica e comércio justo, sejam melhor aproveitados.

1.3 Produção de Orgânicos no Brasil

No Brasil, conforme Khatounian (2001), o início da década de 70 foi o período áureo da expansão no uso de agrotóxicos, vinculada ao crédito rural proporcionado pelo governo. Nesse período as vozes de José Lutzemberger, Ana Maria Primavesi e Adilson Paschoal, se destacaram pela sua exposição pública e pelo seu alcance, ao se levantarem contra o padrão agroquímico em prática.

Nos anos de 1972 e 1973, segundo Darolt (2002), duas experiências de cunho prático surgem quase que simultaneamente e marcam o lançamento da semente orgânica no país. Uma delas foi a fundação da Estância Demétria, em Botucatu no interior de São Paulo, que segue os princípios da agricultura biodinâmica, e a outra foi a instalação de uma granja orgânica pelo engenheiro agrônomo, formado no Japão, Dr. Yoshio Tsuzuki, no município de Cotia-SP.

No período de 1973 a 1995, o desenvolvimento da agricultura orgânica ocorreu de forma muito lenta em todo país, passando por diferentes etapas ligadas a contextos socioeconômicos e movimentos de idéias contrárias à agricultura convencional.

Nos anos de 1980 e especialmente nos de 1990, de acordo com Khatounian (2001), as organizações ligadas à produção orgânica se

multiplicaram. Cresceu o número de produtores e a produção se expandiu em quantidade, diversidade e qualidade. Há vinte anos, o mercado se restringia a umas poucas feiras de produtores e à venda de cestos semanais diretamente ao consumidor. Atualmente, estas feiras, que se enquadram perfeitamente com a filosofia do movimento orgânico, estão presentes em praticamente todas as capitais do país. A forte demanda por produtos orgânicos tem levado as grandes redes de supermercados a estabelecerem estandes específicos, num número crescente de lojas.

A produção orgânica no Brasil inclui hortaliças, soja, açúcar mascavo, café, frutas (banana, caju, citros), cereais (milho, arroz, trigo), leguminosas (feijão, amendoim), dendê, erva-mate, plantas medicinais e vários produtos de menor expressão quantitativa. Há ainda iniciativas na produção de aves de postura e de corte, bovinos de leite e carne, suínos e abelhas. Quanto à exportação, os principais produtos têm sido a soja, o café e o açúcar, e tem apresentado uma evolução do mercado e das iniciativas de produção muito rápida e intensa, Khatounian (2001). A **Tabela 5** mostra os produtos certificados pelo IBD, até junho de 1999, em diferentes estados do Brasil.

Tabela 5 - Produtos certificados pelo IBD até junho de 1999, e sua localização.

Localidade	Produto
Bahia	Acerola, cravo da Índia, guaraná em pó
Acre	Urucum
São Paulo	Ervas Medicinais, suco de laranja, olerícolas
Mato Grosso	Soja
Paraná	Soja, feijão, fécula de mandioca, milho, açúcar mascavo, trigo
Rio Grande do Sul	Soja, mate, banana
Ceará, M. Gerais, Pernambuco, Rondônia	Café
Pará	Óleo de dendê
Ceará	Castanha de caju
Maranhão	Óleo de babaçu
Santa Catarina	Olerícolas

Fonte: Souza, Ana P. O. e Alcântara, Rosane L. C. Adaptado de IXX Seminário Internacional Pensa de Agribusiness. Disponível na Internet <http://www.planetaorganico.com.html>. Acesso em julho 2004.

Em 1981, de acordo com Darolt (2002), surgiu a primeira iniciativa importante para sistematização das idéias e experiências ligadas a movimentos alternativos no Brasil. Nesse ano, aconteceu em Curitiba (PR) o I Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa (EBAA). Ainda nessa década, realizaram-se outros três encontros na mesma linha, que podem ser considerados como marco de referência da história recente dos movimentos alternativos, que contribuíram para penetração da Agricultura Orgânica no Brasil.

Um pouco mais tarde, em 1984, outra iniciativa importante foi a criação do Instituto Biodinâmico (IBD), no município de Botucatu - SP. Até o final da década de 1980, foram criados ainda a Associação Mokiti Okada, o Centro de Pesquisa em Agricultura Natural e a Associação de Agricultura Orgânica (AAO), todos no Estado de São Paulo.

Ainda nesse período foi criado no Paraná o Instituto Verde Vida de Desenvolvimento Rural (IVV), seguindo as idéias do IBD, surgiram paralelamente, em vários estados do país, diversas ONGs e associações de produtores e consumidores engajadas com a Agricultura Orgânica, merecendo destaque a Associação dos Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO), a Cooperativa de Consumidores e Produtores de Porto Alegre, (COOLMEIA), a Associação de Agricultura Ecológica de Brasília, (AAGE), a Associação de Agricultura Natural de Campinas, (ACN), a Associação Guruaia de Londrina e a Associação de Agricultura Orgânica do Paraná, (AOPA).

Segundo Darolt (2002), um dos pioneiros do movimento orgânico no Brasil, o Prof. Adilson Paschoal, na apresentação do seu livro "Produção orgânica de alimentos: Agricultura sustentável para os séculos XX e XXI" comenta que, apesar dos esforços de muitos idealistas, a Agricultura Orgânica ainda não conseguiu se consolidar no Brasil (PASCHOAL, 1994). Nesse livro o autor declara que muito pouco de prático se fez no sentido de mostrar os propósitos, métodos e técnicas, e as possibilidades do sistema de agricultura orgânica para o país. Além disso, o comércio de alimentos orgânicos ainda não está organizado.

Darolt concorda e cita que o avanço do sistema orgânico propriamente dito ocorreu de forma mais significativa a partir do ano de 1992. Nesse ano, aconteceu em São Paulo a 9ª Conferência Científica Internacional da Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica (IFOAM). A importância da IFOAM está relacionada à harmonização internacional de normas técnicas e à certificação de produtos orgânicos. Com a participação do IBD como associado da IFOAM, foi possível impulsionar as exportações e, conseqüentemente, aumentar o interesse pela agricultura orgânica em todos os níveis.

De acordo com Darolt (2002), no ano de 1994, começaram a surgir as primeiras pressões internacionais, destacadamente, da Comunidade Econômica Européia, pelo estabelecimento de normas nacionais para o processo de produção e comercialização de produtos orgânicos no país. O resultado dessas pressões foi a criação do Comitê Nacional de Produtos Orgânicos, formado pelas principais entidades com atuação concreta na produção orgânica.

Em 17 de maio de 1999, depois de alguns anos de discussão e opiniões conflitantes, sobretudo em relação às formas de certificação, o país conseguiu avançar num ponto crucial para regulamentação da agricultura orgânica. Nesta data o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), publicou a Instrução Normativa nº 007, estabelecendo as normas disciplinares para produção, tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e certificação da qualidade de produtos orgânicos, sejam eles de origem animal ou vegetal. Os procedimentos constantes da referida Instrução estão de acordo com os praticados na maioria dos países da Europa, nos Estados Unidos e no Japão, Ormond *et al* (2002).

Na Instrução Normativa são criados o Órgão Colegiado Nacional (OCN) e os Estaduais. Eles são paritários, compostos de 10 membros, sendo cinco representantes de órgãos governamentais e cinco de órgãos não-governamentais e têm a função de credenciar as instituições certificadoras que serão responsáveis pela certificação e controle de qualidade orgânica, Ormond *et al* (2002).

Na década de 90, o lento desenvolvimento da agricultura orgânica no país dificultou a sistematização de dados sobre o estado e características do sistema. Os dados mais recentes sobre o estado da arte da agricultura orgânica no Brasil foram informados pelas principais certificadoras e associações de agricultura orgânica de cada estado. Estimativas indicam que no Brasil o crescimento do mercado orgânico que vinha aumentando, no início da década de 90, cerca de 10% ao ano, chegou próximo a 50% ao ano nos últimos três anos. Portanto, superior aos países da União Européia e Estados Unidos, onde o mercado cresce em média 20 % a 30% ao ano, Darolt (2002).

Atualmente, de acordo com o autor, o Instituto Biodinâmico (IBD) certifica cerca de 2000 produtores em 60.000 hectares. Estima-se que outras 2.500 unidades de produção foram certificadas por entidades como a Cooperativa COOLMEIA do Rio Grande do Sul, a Associação de Agricultura Orgânica (AAO), a Associação de Agricultura Natural de Campinas (ANC) e a Fundação Mokiti Okada (MOA) do estado de São Paulo, a Associação de Agricultores Biológicos (ABIO) do Rio, a ASSESOAR e Associação de Agricultura Orgânica (AOPA) no Paraná, o que perfaz um montante de aproximadamente 4.500 produtores certificados no Brasil na safra 1999/2000, como mostra a **Tabela 6**, ocupando uma área aproximada de 100.000 hectares.

Tabela 6 - Número de Produtores Orgânicos certificados no Brasil (2000)

Estados da Federação	Número de Produtores Certificados
Paraná	2.400*
Rio Grande do Sul	800
São Paulo	800
Rio de Janeiro	120
Espírito Santo	100
Santa Catarina	100
Distrito Federal	50
Outros	130
TOTAL	4.500*

* Cerca de 750 produtores encontra-se "em processo de certificação".

NOTA: Elaborado a partir de dados de HAMERSCHMIDT/EMATER-PR (Informação Pessoal, 2000); e outras entidades como IBD, COOLMEIA, AAO, ANC, ABIO e MOA

FONTE: DAROLT (2000)

Dessa safra de 1999/2000, para a de 2001, o número de propriedades orgânicas e em transição que era de aproximadamente 4,5 mil, conforme **Tabela 6**, passou para cerca de 14,8 mil. Deste total, cerca de metade das propriedades ainda passa pelo processo de conversão, Darolt (2002).

Estima-se também que a área cultivada sob manejo orgânico no Brasil, nesse ano, foi de aproximadamente 270 mil hectares, sendo cerca de 160 mil com agricultura e 120 mil de pastagens, Ormond (2002).

Segundo Darolt (2002), os estados com as maiores percentagens de área com agricultura orgânica são os da região Sul, **Tabela 7**. Essas cifras ainda são modestas, se for considerado que o número total de agricultores orgânicos não chega a 1% do número de agricultores do país. Por outro lado, mostra o potencial de expansão deste mercado. Em um estudo realizado por ele, na Região Metropolitana de Curitiba, Darolt (2000), mostrou uma demanda por alimentos orgânicos 35% superior à oferta.

Estima-se, de acordo com Darolt (2002), que já estão sendo cultivados no Brasil perto de 275 mil hectares orgânicos, o que gera um volume de produção da ordem de 300 mil toneladas / ano e movimenta aproximadamente R\$ 200 milhões/ano. Observa o autor que estes valores de produção devem, no mínimo, dobrar nos próximos dois anos visto que grande número de propriedades ainda passa pelo processo de conversão e não pode comercializar seus produtos como orgânico.

Outro dado fornecido pelo autor é que a maior parte, (80%), da produção orgânica brasileira encontra-se nos estados do Sul e Sudeste. E que cerca de 85% da produção orgânica brasileira é exportada, sobretudo para Europa, Estados Unidos e Japão. O restante, 15%, é distribuído no mercado interno.

Os dados apresentados destacam o Brasil ocupando a segunda posição na América Latina em termos de área manejada organicamente e se posicionando em trigésimo quarto lugar no ranking dos países exportadores de produtos orgânicos e apresentando, nos últimos anos, um crescimento das vendas da ordem de 50% ao ano, Darolt (2002).

As estatísticas mostram que existe um grande potencial de expansão da produção orgânica no Brasil. Alguns setores, ainda pouco explorados como a fruticultura, cereais, derivados de leite e carne devem ser incrementados nos próximos anos. Apesar de a maioria da produção orgânica ainda ser destinada ao mercado externo, deve haver um aumento da demanda interna, impulsionada pelo crescente número de consumidores que tem procurado "produtos limpos".

Tabela 7 – Estimativa do número de Produtores Orgânicos, área, volume de produção e vendas no Brasil – 2001

ESTADO DA FEDERAÇÃO	NÚMERO DE PRODUTORES	ÁREA (HA)	VOLUME PRODUÇÃO(T)	VENDAS(R\$) (MILHÕES DE REAIS)
RIO G DO SUL	4.370	13000**	XXX	40
PARANÁ	3.077	10.030	35.000	50
MARANHÃO***	2.120	10.021	XXX	XXX
S. CATARINA	2.000	12.000	XXX	XXX
SÃO PAULO	1.000	30.000	XXX	70
CEARÁ***	543	21.040	10.000****	XXX
ACRE	500	50	XXX	XXX
PARÁ	400	4.012	XXX	XXX
BAHIA**	247	7.240	XXX	XXX
R. DE JANEIRO	203	7.087	2.000****	5****
MINAS GERAIS	149	3.433	XXX	XXX
M.G.DO SUL	XXX	115.599	XXX	XXX
M.GROSSO*****	123	34.965	XXX	XXX
D. FEDERAL	50	200	400	2
E. SANTO	34	899	800	3
OUTROS	50	6.000	XXX	XXX
TOTAL	14.866	262.576	300.000****	200****

FONTE: Elaborado a partir de dados da EMATER-PR, SEAB-PR, EMATER-RS, EPAGRI-SC, IBD, AAO; ABIO, BCS, OIA, SKAL, SAPUCAÍ, COOLMEIA, REDE ECO VIDA, ANC, APN, ABID, MDA, FVO, ECOCERT.

NOTAS: * Cerca de 30% do número total de propriedades encontram-se "em processo de conversão"/ ** Dados preliminares informados pela EMATER/RS(Eng.Agr. Gervásio Paullus)./ *** Dados estimados fornecidos por Richard Charity, Pierre Landolt, Pedro Jorge B.F. Lima e José Geraldo Ormond./**** Estimativas./***** Nos estados do Mato Grosso, os dados incluem áreas de pastagem em conversão e projetos de fruticultura em áreas indígenas.

Outro fator determinante para o crescimento desse segmento, segundo Darolt (2002), é que, apesar da maioria da produção brasileira ser destinada ao mercado externo, está havendo um aumento rápido da demanda interna, impulsionado pelo crescente número de consumidores que tem procurado alimentos mais saudáveis, de melhor sabor e que preservem o meio ambiente.

As perspectivas futuras de expansão da Agricultura Orgânica brasileira são bastante promissoras, mas, é necessário que alguns fatores sejam equacionados e desenvolvidos, ou seja:

- **Legislação eficiente** adaptada às condições regionais de cada país, que garanta que o produto é orgânico;
- **Processos de certificação mais eficientes e participativos**, que considerem não só aspectos tecnológicos, mas também sociais. Os procedimentos atualmente existentes tornam o custo de certificação muito alto e, em muitos casos, acaba sendo um entrave para a expansão do mercado;
- **Organização dos circuitos de comercialização** (agricultores, transformadores, distribuidores, fornecedores e consumidores), ampliando os pontos de venda, sobretudo por meio de feiras livres, lojas especializadas, supermercados éticos e outros;
- **Expansão do mercado interno**, através de ações efetivas de marketing e incremento da produção de alimentos orgânicos industrializados, (sucos concentrados, óleos, vinhos, chás, frutas secas, condimentos, etc.), por exemplo;
- **Apoio governamental** por meio de políticas claras que apoiem e incentivem a conversão dos agricultores convencionais em orgânicos, sem muita burocracia, que sejam práticas e objetivas e que não engessem o setor;
- **Valorização e investimento em centros de pesquisa, ensino e extensão**, que permitam o resgate de conhecimentos dos agricultores tradicionais para impulsionar o sistema orgânico.

1.4 Cadeia Produtiva de Produtos Orgânicos no Brasil

A cadeia produtiva de Produtos Orgânicos no Brasil e, provavelmente, no mundo, de acordo com Ormond *et al* (2002), se compõe dos seguintes elos que interagem no processo, tais como a Certificação, a Produção de Insumos, a Produção Agropecuária, o Processamento Primário, o Processamento Secundário, a Distribuição, o Consumo e a Exportação, onde os agentes envolvidos se relacionam de várias formas. No esquema a seguir, **Figura 5**, identifica-se as principais funções que compõem esta cadeia, apresenta os agentes que as executam e mostra a forma como eles se relacionam.

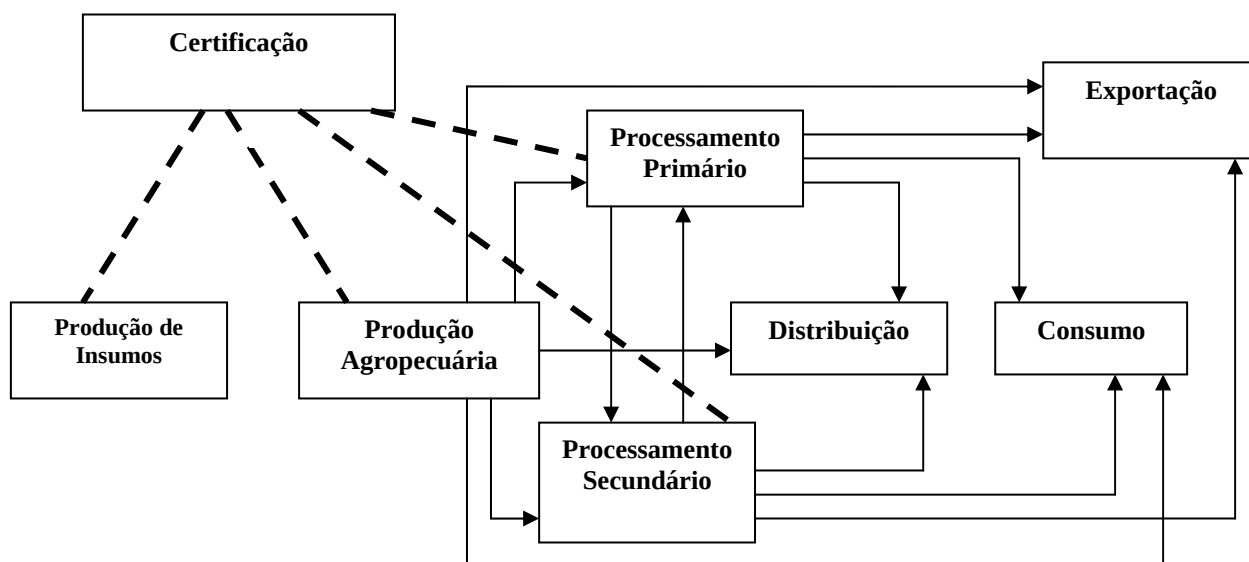


Figura 5 - Esquema da Cadeia Produtiva de Orgânicos

Fonte: Ormond *et al* (2002), adaptada pelo aluno.

- **Produção de Insumos** – Consiste na produção de mudas, sementes, adubos, fertilizantes, controladores de pragas e doenças, defensivos, embalagens e outros itens necessários ao manejo orgânico de uma área ou propriedade. Os agentes desse elo são produtores ou pequenas empresas que se dedicam exclusivamente a esse nicho de mercado. O crescimento do setor está atraindo grandes empresas produtoras de agroquímicos e sementes que

recentemente começaram a lançar produtos apropriados à utilização em áreas sob manejo orgânico.

- **Produção Agropecuária** – Os Proprietários rurais e empresas agropecuárias compõem esse segmento. As empresas, em geral, dedicam-se à produção de commodities e são verticalizadas, atuando também no processamento secundário. Os pequenos proprietários em sua maioria dedicam-se à produção de hortifrutigranjeiros e são ligados a associações de produtores, cooperativas ou empresas de processamento, responsáveis pela comercialização.
- **Processamento Primário** – Trata-se de empresas, cooperativas ou associações de produtores que atuam na coleta de produção regional e fazem seleção, higienização, padronização e envase de produtos a serem consumidos in natura e são responsáveis pelo transporte e comercialização da produção. Não raro, fornecem insumos e assistência técnica, reproduzindo, em parte, o processo de integração de outras cadeias produtivas agroalimentares. Em geral, possuem marca própria, e algumas administram stands em lojas de supermercados. Podem atuar tanto no mercado interno quanto em exportação. Uma parte de suas vendas é feita diretamente ao consumidor através de entregas domiciliares, mas também vendem às indústrias para processamento secundário, embora ainda não seja muito usual.
- **Processamento Secundário** – Uma gama variada de indústrias compõe esse segmento, desde tradicionais indústrias de alimento a pequenas indústrias, algumas quase artesanais. Boa parte tem o suprimento de matéria-prima proveniente de sua própria produção (a linha orgânica é verticalizada), mas pode também captar de produtores ou processadores primários a matéria-prima necessária. São grandes as barreiras à entrada nesse segmento, uma vez que todos os produtos e aditivos utilizados têm necessariamente que ser orgânicos e as linhas de produção, se não exclusivas, têm que passar por criteriosa limpeza, de forma a eliminar os vestígios de produtos não-orgânicos, para evitar a contaminação.

- **Distribuição** – Nessa função, o agente é responsável pela comercialização dos produtos que foram submetidos a processamento primário e/ou secundário, envolvendo lojas de produtos naturais, lojas especializadas em hortifrutis e supermercados. Ele detém boa parte do conhecimento das preferências do consumidor e da quantidade demandada pelo mercado.
- **Consumo** – Aqui também estão incluídos os consumidores institucionais (restaurantes, lanchonetes, empresas etc.), que, embora não determinem a preferência do consumidor final, exercem importante influência.
- **Certificação** – As instituições certificadoras têm importante papel nessa cadeia produtiva, uma vez que a sua credibilidade é determinante da confiança que distribuidores e consumidores devotam ao produto oferecido.

A cadeia produtiva dos orgânicos pouco se diferencia das demais cadeias agroalimentares, a não ser pela presença da figura da certificação e, o mais interessante, pela inexistência da figura do atacadista ou do intermediário entre a produção e o elo seguinte.

A ausência do atacadista se dá em função da pequena escala de produção e vem determinando uma dinâmica peculiar à cadeia. O crescimento da comercialização de orgânicos no ambiente competitivo atual também beneficia o setor com os novos métodos de relacionamento entre produção, processamento e comercialização.

Capítulo 2. PRODUTOS ORGÂNICOS NO DISTRITO FEDERAL

2.1. Histórico da Agricultura Orgânica no Distrito Federal

Na revisão bibliográfica feita, de acordo com dados coletados no WORKSHOP DE OLERICULTURA ORGÂNICA NA REGIÃO AGROECONÔMICA DO DISTRITO FEDERAL 1, Brasília-DF. Anais...Brasília:

Embrapa Hortaliças / Emater-DF, 2001, é apresentado breve histórico da Agricultura Orgânica no Distrito Federal.

Nesse trabalho, JOÃO FRANCISCO NETO pg 11,16, faz uma retrospectiva das várias etapas da evolução da produção orgânica no DF.

Segundo o autor, na década de 50, precisamente em 1956 começou a construção da nova capital. Com a epopéia de Brasília, inúmeras fazendas foram instaladas na região. Esses fazendeiros traziam novas perspectivas, novas relações com a terra e um conceito novo de desenvolvimento, de tal forma que as transformações ecológicas na região começaram a acontecer em um ritmo vertiginoso.

Localizado em torno da capital, o ecossistema Cerrado passou a sofrer os efeitos das primeiras ações do homem no seu confronto com a natureza.

Na década de 60, o Brasil passava a ser tratado com maior interesse pelos países já industrializados e que despejaram grande quantidade de recursos que vinham por intermédio do programa de crédito rural e destinava-se ao desenvolvimento de uma agricultura que demandava enorme quantidade de fertilizantes e agrotóxicos, produzidos por esses países, ditos desenvolvidos.

Segundo o autor, grande parte desses recursos foi desviada para aquisição de imóveis rurais de pequenos agricultores, os quais desfaziam-se de suas áreas para morar e trabalhar nas cidades. A partir dessa década intensifica-se o êxodo rural.

Na década de 70, continua o autor, os efeitos da degradação ambiental causada pela agricultura de escala, tornam-se mais evidentes. Nessa época, diversos livros de temática ecológica começaram a chegar no Brasil, influenciando os profissionais que trabalhavam nas áreas rurais do cerrado. Autores como José Lutzenberger e Ana Primavesi começavam a se destacar e também os movimentos em defesa do cultivo orgânico.

Como resultado disso tudo surgiram restaurantes vegetarianos e macrobióticos, cujos freqüentadores defendiam a causa ecológica.

Na década de 80, de acordo com o autor, baseados nos preceitos do Sistema Meulen que consistia basicamente em reproduzir, na agricultura, alguns mecanismos naturais de sustentação da fertilidade do solo, João

Francisco Neto, Wilson Rubeme e Dra. Macenas, com o apoio do pesquisador João Pereira, da Embrapa Cerrados, instalaram em uma área totalmente degradada do Colégio Agrícola de Brasília, um ensaio de regeneração biológica do solo.

Em 1983, João Francisco Neto arrendou uma área da Fundação Zoobotânica, em Brazlândia, que, além de unidade produtiva, tornou-se uma espécie de centro informal e autônomo de pesquisa em agricultura orgânica.

Entre meados dos anos 80 e a metade da década de 90 surgiram no Distrito Federal e no Entorno muitos produtores orgânicos e entidades ligadas a essa área. Alguns se tornando ativos difusores e/ou organizadores da produção orgânica, ao mesmo tempo quer davam à atividade um caráter mais empresarial.

Por volta de 1988, João Francisco Neto ministrou um curso na Universidade de Brasília, que resultou na elaboração de um projeto de difusão da agricultura orgânica, graças a iniciativa de alunos do Curso de Agronomia. Apesar do cancelamento desse projeto, a idéia inicial permaneceu e resultou, em 1992, na assinatura de um convênio entre aquela universidade, o governo do Distrito Federal e a Fundação Mokiti Okada (MOA), do Japão. Infelizmente, afirma o autor, também este projeto não teve continuidade, mas a Fundação Mokiti Okada assumiu uma área em Brazlândia, onde estabeleceu uma rede de produção e comercialização de produtos orgânicos.

Continuando, o autor informa que, em 1989 foi fundada a primeira associação de produtores orgânicos da região, a AGE, criada por Jorge Artur Chagas Oliveira e outros produtores. A AGE é considerada atualmente uma entidade de referência, com credibilidade nacional.

Em 1990, cita ainda o autor que o Centro de Educação Continuada à Distância da Universidade de Brasília elaborou um projeto de educação alimentar, baseado na utilização e no aproveitamento de hortaliças produzidas organicamente. Apesar de aprovado pelo Ministério da Agricultura, das extensas matérias sobre o projeto ocuparem a mídia, já que o país preparava-se para sediar a ECO-92, o único resultado efetivo foi a instalação de uma horta orgânica no Palácio do Planalto.

Na década de 90, segundo o autor, o crescimento da agricultura orgânica e o aumento do consumo de produtos orgânicos passaram a ser

anunciados na mídia. A atividade que crescia a uma taxa de 20% ao ano, não podia ser mais ignorada pelos empresários. O custo de produção da agricultura convencional inviabilizava a atividade e a produtividade agrícola, em algumas áreas, está em declínio. A sociedade começa a pedir soluções mais ecológicas. O processo de produção orgânica passa a ocupar papel de destaque.

Ainda, segundo o autor, em Outubro de 1993 foi promulgada a Lei Orgânica do Distrito Federal, dando competência ao governo local para implementar a política de desenvolvimento rural, e planejar e desenvolver ações para a conservação, preservação, proteção recuperação fiscalização do meio ambiente do Distrito Federal.

Ao concluir o autor destaca que, no final dessa década, a Secretaria de Agricultura do Distrito Federal incluiu a Agricultura Orgânica como projeto prioritário, tendo como principal unidade executora a EMATER-DF.

Também, nesse mesmo trabalho, ROBERTO GUIMARÃES CARNEIRO relata a experiência da Extensão Rural com a Agricultura Orgânica.

Cita este autor que, em 1999, com o lançamento do Programa de Agricultura Orgânica do Governo do Distrito Federal, a agricultura orgânica experimentou grande impulso, tendo efetivo engajamento da Secretaria de Agricultura por meio da sua vinculada, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-DF) e demais agências envolvidos, Esse programa conta com uma equipe de técnicos exclusivamente dedicados a este trabalho e conseguiu, em um prazo de pouco mais de um ano, alavancar a agricultura orgânica do Distrito Federal, aumentando em três vezes o número de agricultores envolvidos com a produção orgânica e com perspectivas de aumentar ainda mais esse número. Para alcançar esse objetivo, mais de cem agricultores e trinta extencionistas rurais já passaram por cursos de capacitação. Na **Tabela 8**, verifica-se a evolução do cultivo e comercialização de produtos orgânicos no Distrito Federal durante o período de 1999 a 2003 e previsão de crescimento até o ano de 2005.

Tabela 8 - Evolução do Cultivo e Comercialização de Produtos Orgânicos no Distrito Federal.

Indicadores	Un.	1999	2003	Aumento de 1999 a 2003	Previsão até 2005
Propriedades rurais	nº	9	120	1233,33%	200
Área com hortaliças	ha	20	150	650,00%	250
Área com fruticultura	ha	30	45	50,00%	80
Área cultivada com grãos	ha	4,5	195	4233,33%	400
Pecuária Orgânica					
Bovinos	cab	250	320	28,00%	570
Aves de corte	cab	3.000	6.200	106,67%	7.000
Aves de postura/misto	cab	2.000	4.000	100,00%	4.515
Ovinos/ caprinos	cab	0	0	0%	108
Propriedades convencionais utilizando práticas ecológicas	nº	200	800	300,00%	2000
Feiras e demais estabelecimentos comerciais vendendo alimentos orgânicos	nº	3	40	1233,33%	80

Fonte: EMATER-DF/ Pró-Rural DF/RIDE - Gerência Agropecuária - Programa de Agricultura

O programa, de acordo com o autor, ainda colaborou para a implantação da disciplina Agroecologia nas escolas rurais do Distrito Federal e tem contribuído efetivamente para o aumento da oferta de alimentos orgânicos à população local e para a organização da comercialização, apoiando a instalação de mais pontos de venda de produtos orgânicos.

Estes resultados, destaca o autor, mostram a importância do apoio institucional na condução de programas dessa natureza e a necessidade dos órgãos governamentais estarem sintonizados com as necessidades e demandas da sociedade.

2.2. Diagnóstico da Situação Atual

De acordo com dados coletados no Guia de Produtos Orgânicos do Distrito Federal 2003, elaborado por Aimée Faria com a colaboração de Porfírio Marsiaj, apoiado e em parceria com o SEBRAE/DF, SINDICATO RURAL e Produtores, a Agricultura Orgânica do DF ainda se encontra em fase de consolidação. Nos últimos três anos, com o crescimento da demanda, a sua prática passou a ser bastante intensificada sendo identificada uma clara tendência de expansão, notadamente pelo aumento das áreas plantadas, diversidade de culturas e até registro de exportação de produtos para o mercado externo.

Ressaltam-se aqui os esforços desenvolvidos pelos produtores envolvidos e comprometidos com esta prática, notadamente aqueles pioneiros e abnegados que nunca desistiram diante das adversidades, dificuldades de todas as ordens e, principalmente, falta de apoio institucional e definição de uma política específica, clara e objetiva para o setor.

Há de se destacar também a colaboração e empenho de algumas instituições que prestam consultoria, disponibilizam seus serviços e apóiam os produtores rurais do DF, tais como:

- o **SEBRAE/DF** - que apóia as iniciativas do Sindicato Rural do DF e atende às demandas do setor;
- o **Sindicato Rural do DF**, que atua na capacitação de produtores, apoio à formação de grupos de produção e demais serviços na área de representação de classe;
- o **SENAR/DF** - atuando significativamente na capacitação de mão-de-obra rural;

- o **EMATER/DF** - promovendo ações de assistência técnica e extensão rural, capacitação técnica e gerencial, assessoramento e organização dos produtores, além de atividades que viabilizam o acesso desse segmento aos programas e incentivos disponibilizados pelos governos Federal e do DF;
- o **ONGs, Empresas Privadas e Profissionais Autônomos**, que estão comprometidos com este segmento, participam ativamente em todas as atividades ligadas ao setor, exercendo basicamente ações de apoio, assessoramento, desenvolvimento de projetos e patrocínios.

O panorama atual da Agricultura Orgânica no DF será proximamente retratado através de um Diagnóstico bastante amplo e atual que está sendo elaborado pelo SINDIORGÂNICO. Este trabalho, além de condensar todas as informações atualizadas relativas ao segmento, preencherá uma grande lacuna existente na área da Agricultura Orgânica que se traduz na falta de informações atualizadas, dados isolados, e, principalmente, falta de consistência nas informações. Este fato não é privilégio somente do DF, ele ocorre em maior ou menor escala em todos os estados brasileiros e está diretamente ligado a aspectos como tempo de prática dessa atividade, grau de desenvolvimento econômico, social e cultural do estado e, finalmente, localização geográfica.

Em função dos dados disponibilizados, alguns aspectos da produção orgânica do DF são demonstrados, destacando-se aqueles relativos aos produtores orgânicos, às tecnologias, às certificadoras, às lojas que comercializam estes produtos e, finalmente, às feiras de produtos orgânicos.

- PRODUTORES ORGÂNICOS

Ainda não foi realizada uma pesquisa que apontasse o número exato de produtores que desenvolvem a Agricultura Orgânica no DF. Conforme FARIA et al, (2003), dados coletados informalmente, até maio/ 2003, demonstram um número aproximado de 190 produtores, estando assim divididos:

- Os que ingressaram recentemente na atividade e iniciam o processo de certificação de suas áreas – cerca de 58%.
- Os que já estão no processo de certificação, em vias de serem reconhecidos como tal – cerca de 24%.
- Os que já estão reconhecidos como Orgânicos pelas certificadoras atuantes na região – cerca de 18%.

- PRODUTOS ORGÂNICOS GERADOS NO DF

Os principais produtos orgânicos gerados no DF são: hortaliças (in natura e processadas), frutas, café, aves (ovos e carne), suínos, soja (grãos e sementes), milho, sementes de leguminosas, girassol, leite e derivados (iogurte, manteiga, queijos), doces e geléias, insumos para a Agricultura Orgânica, polpa de frutas e cogumelos.

- AS TECNOLOGIAS

No Distrito Federal, segundo Faria et al, (2003) existem 03 indústrias, certificadas, de insumos para a Agricultura Orgânica, com produtos comercializados em nível regional e nos demais Estados do Brasil. Além dos próprios fabricantes, apenas 04 empresas, no DF, comercializam insumos para a Agricultura Orgânica, havendo oferta limitada em termos de diversificação de produtos. Em razão disso os produtores importam, de outras regiões do país, boa parte dos insumos que utilizam.

- AS CERTIFICADORAS

No Brasil existe cerca de 20 certificadoras atuando no reconhecimento de produtos orgânicos. Dessas, apenas 04 desenvolvem o trabalho de certificação no Distrito Federal, FARIA, A. et al, (2003), sendo uma delas a AGE (Associação de Agricultura Ecológica do Distrito Federal).

As principais certificadoras que atuam no Brasil estão relacionadas a seguir, com suas siglas e respectivos selos:



Figura 6 – Selos das Principais Certificadoras de Produtos Orgânicos

FONTE: planetaorganico.com

- AS LOJAS DE PRODUTOS ORGÂNICOS

Embora a demanda por produtos orgânicos tenha crescido significativamente nos dois últimos anos, o DF conta somente com 03 lojas especializadas para sua comercialização. Apenas nesses estabelecimentos pode-se encontrar uma variedade que atende ao gosto dos consumidores. Vale ressaltar que a maioria dos produtos, particularmente os industrializados, procede de outras unidades do País, já que no DF o processamento de alimentos tem se restringido a laticínios e hortaliças processadas.

Os demais estabelecimentos, supermercados e lojas de produtos naturais também comercializam produtos orgânicos, de diversas certificações, mas em pequena escala e pouca diversidade, se comparados ao Sul e Sudeste, FARIA, A. et al, (2003).

- FEIRAS DE PRODUTOS ORGÂNICOS

A maior parte das hortaliças e frutas produzidas no DF é comercializada em feiras estabelecidas em vários locais de Brasília e cidades satélite. Esses pontos de comercialização vêm se expandindo, revelando o aumento do número de consumidores que optam pelos produtos orgânicos. Além disso, muitos produtores utilizam o sistema de cestas, compostas de acordo com a preferência do cliente, FARIA, A. et al, (2003). O **Quadro 2** apresenta como estão distribuídos estes pontos de venda,

Organizador	Endereço		Dia	Período
APOGEO	Asa Norte	306 norte (Entrada da quadra à direita)	Sábado	Manhã
AGE	Asa Norte	315/316 norte (Ao lado Igreja Messiânica)	Sábado	Manhã
ESPAÇO NAT.	Asa Norte	315/316 norte (Em frente Igreja Messiânica)	3ª/ 5ª / Sáb.	Manhã
AGE	Asa Sul	709/909 sul (Sindicato Produtores Rurais)	4ª/ Sáb.	Manhã
AGE	Asa Sul	112 sul (Ao lado da Escola Ursinho Feliz)	4ª/ Sáb.	Manhã
MERCADO ORG.	CEASA	Mercado Orgânico - Estac. ao lado varejão	Sábado	Manhã
RECANTO RURAL	ParkWay	Qd 05 conj. 04 lote 04	Sexta	10às17 hs
ESPAÇO NAT.	Cruz.Velho	Qd 01 Bl. G lt. 03 (Johrei Center - Cruzeiro)	Sábado	Manhã
ESPAÇO NAT.	Guará I	QE 20 Cj. N c/05 (Johrei Center/Cruzeiro)	Sábado	Manhã
EDUARDO	Feira Guará	Banca 409 - Eduardo (9984-0776)	Sábado	Manhã
FEIRA	Brazlândia	Dentro da Feira Permanente	Sáb./ Dom.	Manhã
RURART	Planaltina	Qd. 44 lote 10 (Praça Salviano Monteiro)	4ª/ Sáb.	Manhã
APRONTAG	Samambaia	Qd. 614 Área especial n.º 01	Sábado	Manhã

Quadro 2 - Localização, dias e horários de funcionamento das Feiras Verdes do Distrito Federal.

Fonte: Cartilha "Alimentos Orgânicos", Emater-DF, 2003.

- PERFIL DOS CONSUMIDORES

Conforme DAROLT (2002), o conhecimento do perfil dos consumidores é importante, pois permite orientar o trabalho de produção, direcionar o processo de marketing e comercialização, além de dar uma idéia da importância desse segmento de consumo no mercado local.

Existem basicamente dois tipos de consumidores orgânicos; o primeiro tipo é formado por aqueles consumidores mais antigos, que estão motivados, bem informados e são exigentes em termos de qualidade biológica do produto. Estes consumidores são os freqüentadores das feiras verdes de produtos orgânicos. Um segundo tipo, mais recente, não observado, corresponde ao consumidor das grandes redes de supermercados, DAROLT (2002).

Com a finalidade de descrever o perfil dos consumidores de produtos orgânicos no DF, realizou-se uma pesquisa junto aos freqüentadores de uma “feira verde”, denominado Mercado Orgânico, que se realiza aos sábados, das 6:00 às 12:00 horas, no CEASA/DF. Esta feira tem uma freqüência de aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) a 400 (quatrocentos) consumidores, funciona há mais de 5 (cinco) anos, passando a ser administrada pela Associação dos Participantes do Mercado Orgânico de Brasília, a partir de 2001, contando com, aproximadamente, 25 (vinte e cinco) produtores.

Os resultados obtidos não têm poder de influência sobre o perfil do consumidor de produtos orgânicos no Distrito Federal, pois a pesquisa limitou-se apenas a uma unidade comercial do segmento.

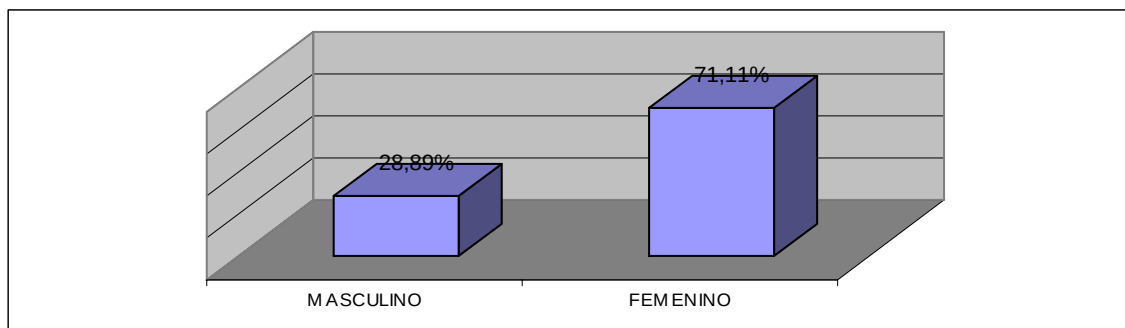
Entretanto, devido à grande representatividade da Feira Mercado Orgânico no DF, pode-se considerar os resultados obtidos como uma boa aproximação ao perfil do consumidor de produtos orgânicos.

O perfil que será apresentado, foi traçado em função de observações feitas e levantamento de campo elaborados pelo pesquisador, (**Anexo 1**), e corresponde ao primeiro tipo citado.

Verificou-se que o freqüentador dessa feira orgânica é, na maioria, do sexo feminino (71,11%), como mostram a **Tabela 9** e a **Figura 7**.

Tabela 9 – Sexo dos freqüentadores do Mercado Orgânico do Distrito Federal.

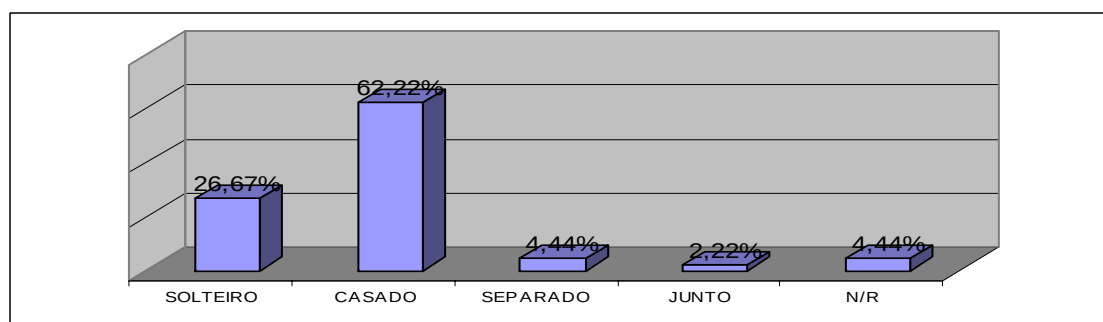
SEXO	%	QUANTIDADE
MASCULINO	28,89%	13
FEMENINO	71,11%	32
TOTAL	100,00%	45

**Figura 7** – Sexo dos freqüentadores do Mercado Orgânico do Distrito Federal.

Nota-se também que a sua maioria é de casados (62,22%), como está demonstrado na **Tabela 10 e Figura 8**.

Tabela10 – Estado Civil dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

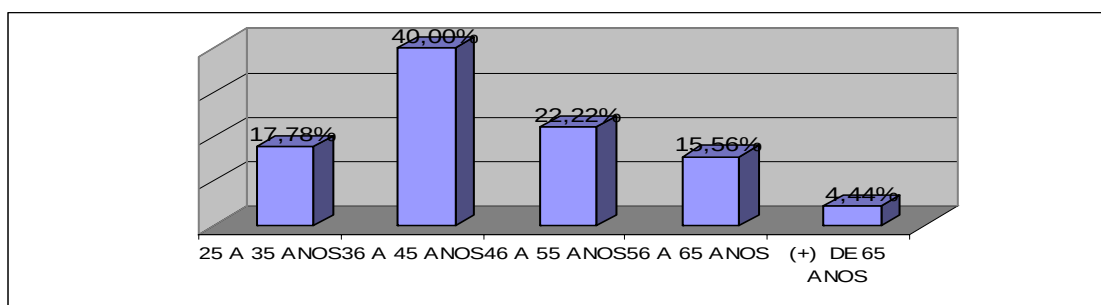
ESTADO CIVIL	%	QUANTIDADE
SOLTEIRO	26,67%	12
CASADO	62,22%	28
SEPARADO	4,44%	2
JUNTO	2,22%	1
N/R	4,44%	2
TOTAL	100,00%	45

**Figura 8** – Estado Civil dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

A sua média de idade é de 45 (quarenta e cinco) anos, predominando a faixa entre 36 e 55 anos com (62,22%%).

Tabela 11 –Idade dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

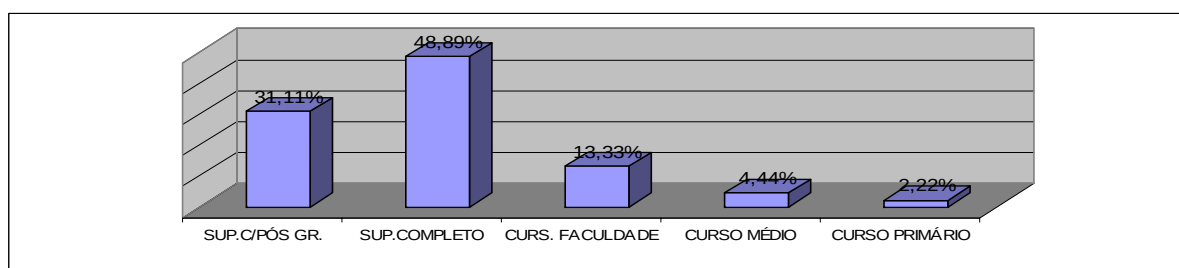
FAIXAS DE IDADE	%	QUANTIDADE
25 A 35 ANOS	17,78%	8
36 A 45 ANOS	40,00%	18
46 A 55 ANOS	22,22%	10
56 A 65 ANOS	15,56%	7
(+) DE 65 ANOS	4,44%	2
TOTAL	100,00%	45

**Figura 9** –. Idade dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Quanto à escolaridade, verifica-se na **Tabela 12** e na **Figura 10** que predominam as faixas com curso superior completo (48,89%) e superior completo com pós-graduação (31,11%).

Tabela 12 – Nível de Escolaridade dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

CURSOS CONCLUÍDOS	%	QUANTIDADE
SUP.C/PÓS GR.	31,11%	14
SUP.COMPLETO	48,89%	22
CURS. FACULDADE	13,33%	6
CURSO MÉDIO	4,44%	2
CURSO PRIMÁRIO	2,22%	1
TOTAL	100,00%	45

**Figura 10** - Nível de Escolaridade dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Com relação à Renda Familiar, sua maioria (60,00%), tem rendimento acima de 10 (dez) salários mínimos, conforme **Tabela 13** e **Figura 11**.

Tabela 13 – Nível de Renda Familiar dos frequentadores do Mercado Orgânico do D F.

FAIXAS DE VARIAÇÃO	%	QUANTIDADE
ATÉ 3 SALÁRIOS MÍNIMOS	8,89%	4
DE 4 A 9 SALÁRIOS MÍNIMOS	31,11%	14
(+) DE 10 SALÁRIOS MÍNIMOS	60,00%	27
TOTAL	100,00%	45

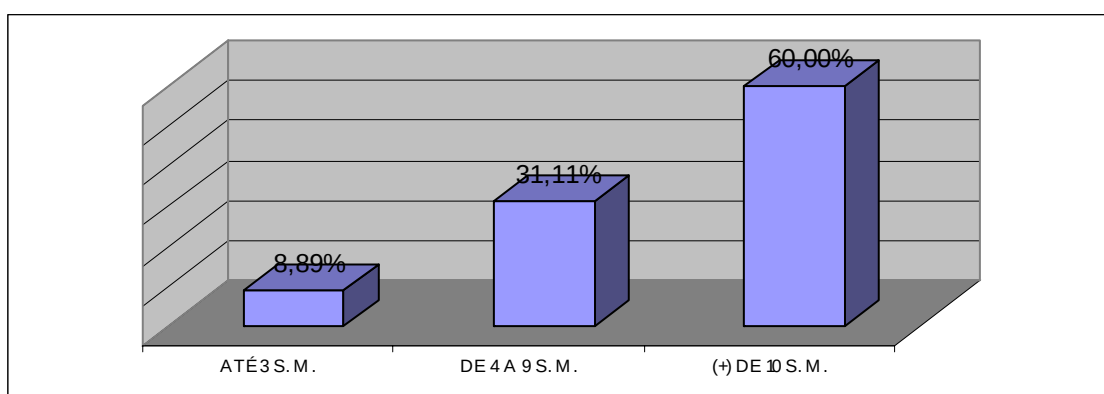


Figura 11 – Nível de Renda Familiar dos frequentadores do Mercado Orgânico do D F.

Observou-se também, **Tabela 14** e **Figura 12** que são pessoas que têm hábitos saudáveis, onde a preocupação com a saúde, dentre outros fatores, está em primeiro lugar

Tabela 14 – Fatores de motivação do consumo dos frequentadores do Mercado Orgânico do D F.

ASPECTOS CONSIDERADOS	%
SAÚDE	84,72%
MEIO AMBIENTE	64,72%
SEM AGROTÓXICOS	62,78%
VALOR BIOLÓGICO	55,83%
DURABILIDADE	41,94%
APARÊNCIA	32,78%
OUTROS	9,72%
PREÇO	5,00%

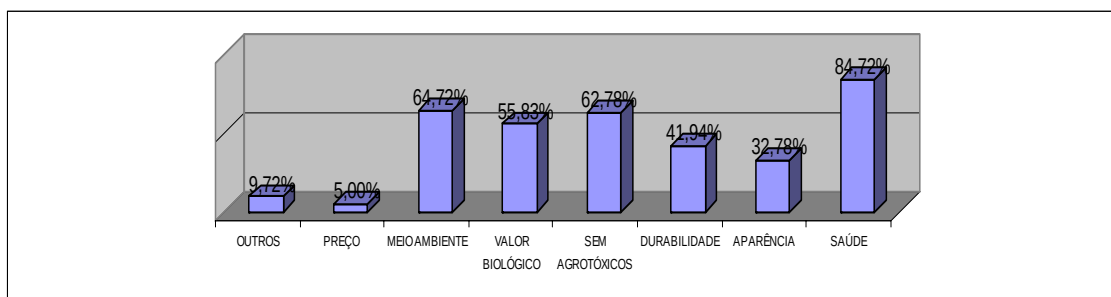


Figura 12 – Fatores de motivação do consumo dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

A maior parte dos freqüentadores do Mercado Orgânico, conforme demonstrado na **Tabela 15**, reside no perímetro urbano de Brasília.

Tabela 15 – Endereço dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

LOCALIZAÇÃO DO IMÓVEL	%	QUANTIDADE
SUDOESTE	26,67%	12
ASA NORTE	17,78%	8
LAGO SUL	8,89%	4
LAGO NORTE	8,89%	4
CRUZEIRO	8,89%	4
GUARÁ	8,89%	4
OCTOGONAL	8,89%	4
ASA SUL	8,89%	4
ÁGUAS CLARAS	2,22%	1
TOTAL	100,00%	45

Quanto ao tipo do imóvel há uma predominância por apartamentos (68,89 %), conforme dados apresentados na **Tabela 16** e **Figura 13**.

Tabela 16 – Tipo de Imóvel dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

TIPO	%	QUANTIDADE
APARTAMENTO	68,89%	31
CASA	31,11%	14
OUTRO	0,00%	0
TOTAL	100,00%	45

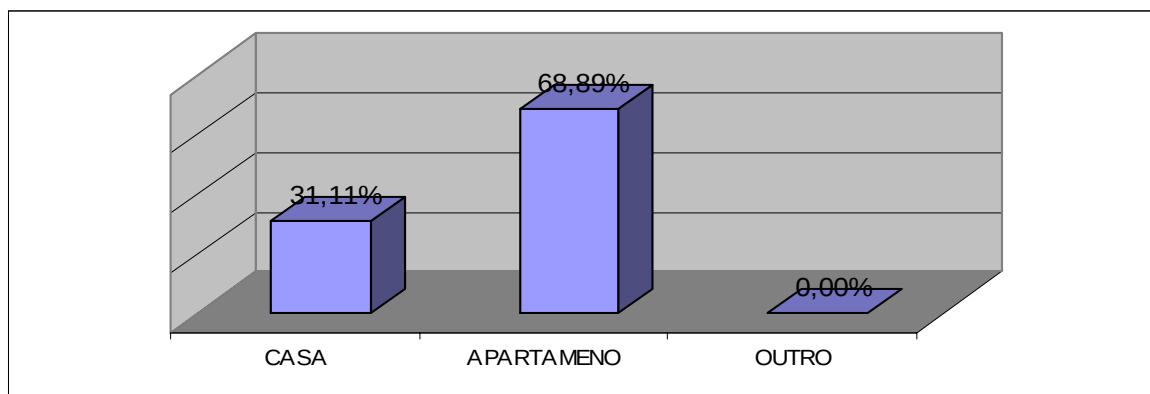


Figura 13 - Tipo de Imóvel dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Quanto à condição da habitação observa-se que a grande maioria (86,67%), reside em imóveis próprios, conforme demonstrado na **Tabela 17** e na **Figura 14**.

Tabela 17 – Condição de ocupação dos imóveis dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

CONDIÇÃO	%	QUANTIDADE
PRÓPRIO	86,67%	39
ALUGADO	8,89%	4
OUTRO	4,44%	2
TOTAL	100,00%	45

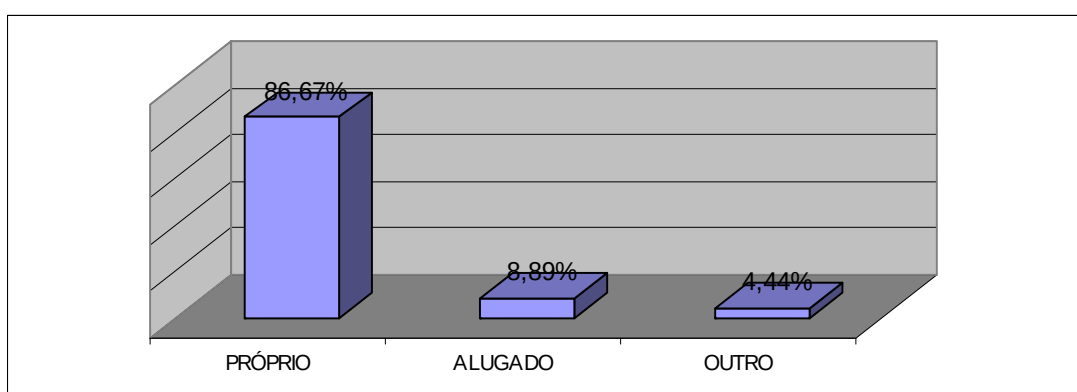


Figura 14 – Condição de ocupação dos imóveis dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Com base nos resultados observados, pode-se afirmar que a procura por alimentos "limpos" está associada à escolaridade e ao nível de renda.

Do ponto de vista de renda, observamos que existe uma tendência similar ao que acontece com o nível de instrução escolar, ou seja, a maior parte dos consumidores das feiras orgânicas do DF tem renda acima da média nacional, R\$1.608,61 (Correio Brasiliense, 2/ 4 /2004, p.10).

Em resumo, as observações feitas refletem que o público das feiras orgânicas, tanto em termos de escolaridade quanto de renda, faz parte de um grupo de consumidores mais intelectualizados e de uma classe economicamente mais elevada.

Finalmente, além do perfil socioeconômico observado, foi possível confirmar que o consumidor orgânico é fiel e constante (71,11%), como demonstra a **Figura 15**.

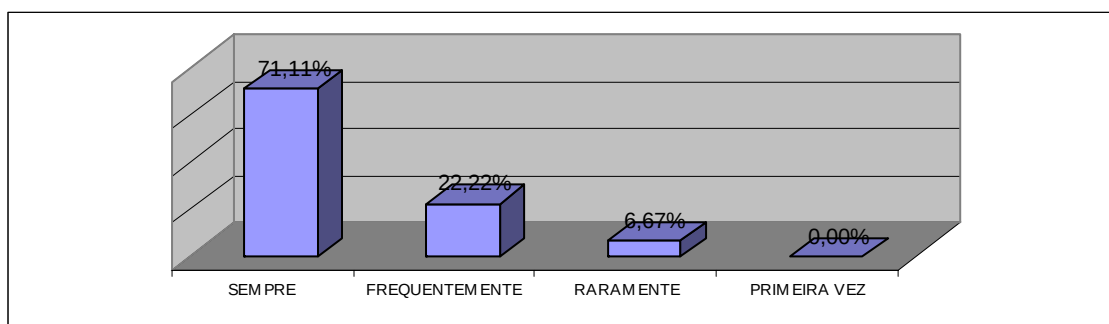


Figura 15 – Frequência de consumo de Orgânicos dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Conclui-se também que são adeptos da alimentação orgânica e freqüentam semanalmente as feiras verdes, na sua maioria (57,78%), há mais de dois anos, **Figura 16**.

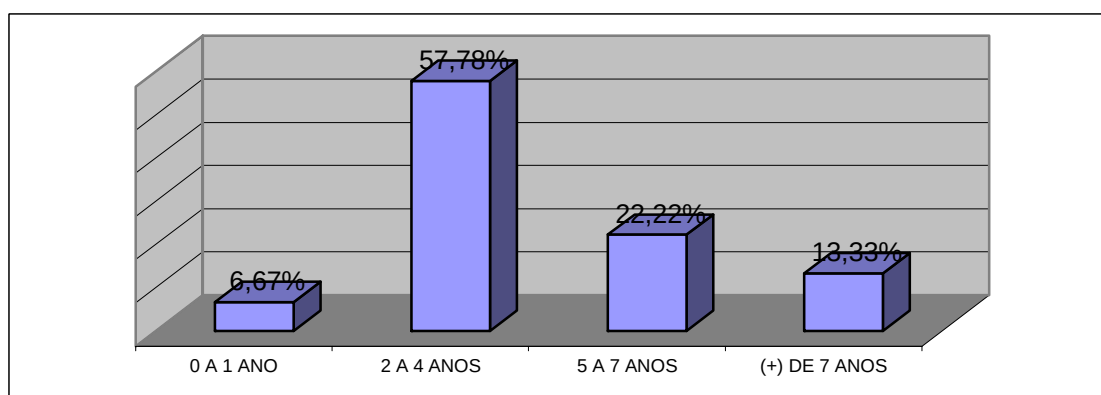


Figura 16 – Tempo de consumo de Orgânicos dos freqüentadores do Mercado Orgânico do D F.

Em função das diversas fontes de informação utilizadas pelos freqüentadores do Mercado Orgânico, como mostra a **Figura 17**, está evidenciado que a feira verde de produtos orgânicos configura-se como um espaço privilegiado de educação, convivência saudável e articulação dos consumidores.

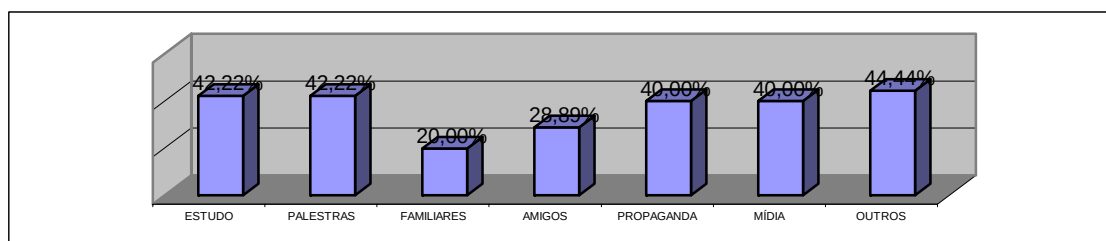


Figura 17 – Como os freqüentadores do Mercado Orgânico do D F tomaram conhecimento dos Produtos Orgânicos.

Outro dado importante que foi observado é com relação aos valores agregados aos produtos orgânicos. Este fato leva o consumidor orgânico a considerar que a prática de um preço justo e acima dos praticados com relação aos similares, produzidos convencionalmente, é admissível. A **Figura 18** mostra que somente 13,33% não admitem nenhum acréscimo, 44,45% admitem acréscimos entre 5 e 15% e os 42,22% restantes admitem variações até mais de 30,00%.

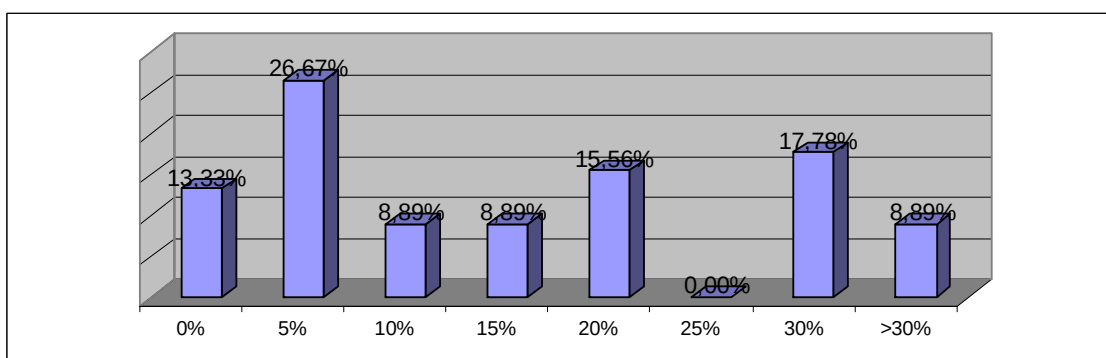


Figura 18 – Percentuais que os freqüentadores do Mercado Orgânico do D F admitem para a mais pelos produtos orgânicos, com relação aos convencionais.

A última questão aplicada referia-se a conceitos que os consumidores deveriam aplicar com o objetivo de avaliar os pontos de venda, embalagens, regularidade e diversidade da oferta de produtos e, finalmente, os aspectos

ligados à segurança alimentar. A **Tabela 18** apresenta a opinião dos consumidores.

Tabela 18 – Conceitos dos frequentadores do Mercado Orgânico do DF com relação a alguns aspectos.

CONCEITOS	ASPECTOS AVALIADOS									
	PONTOS DE VENDA		EMBALAGEM		REGULARIDADE		DIVERSIDADE		SEGURANÇA ALIMENTAR	
EXCELENTE	4	8,89%	2	4,44%	6	13,33%	10	22,22%	6	13,33%
BOM	14	31,11	22	48,89	15	33,33%	15	33,33%	26	57,78%
RAZOÁVEL	15	33,33	17	37,78	16	35,56%	15	33,33%	11	24,44%
FRACO	10	22,22	0	0,00%	6	13,33%	3	6,67%	0	0,00%
DEFICIENTE	0	0,00%	2	4,44%	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
NÃO SABE	2	4,44%	2	4,44%	2	4,44%	2	4,44%	2	4,44%
TOTAIS	45	100,00	45	100,00	45	100,00	45	100,00	45	100,00

- O CENÁRIO DA AGRICULTURA ORGÂNICA NO DF

A predominância da produção orgânica no Distrito Federal concentra-se na área de hortaliças. Os demais produtos ainda são gerados em escala menor, tanto em volume quanto em diversificação.

Há um campo vasto a ser explorado pelos que vierem aderir ao sistema, mas para a eficiência do setor, é necessário que o atendimento aos aspectos relativos à organização da produção, validação e disponibilização de tecnologias e, principalmente, nas questões de comercialização, seja bastante melhorado.

Alguns grupos estão conseguindo organizar-se no sentido de suprir essas necessidades. Isto, entretanto não é suficiente, sendo necessário também o apoio das instituições governamentais e da sociedade para a consolidação da Agricultura Orgânica no DF.

Segundo FARIA et al, (2003), o cenário da agricultura orgânica no Distrito Federal está assim resumido:

- A atividade é desenvolvida predominantemente por pequenos produtores (mais de 90% do total);
- O DF importa a maior parte dos produtos processados que comercializa;

- A maior parte dos produtores do DF (cerca de 80%) está ligada a alguma Associação ou Cooperativa;
- Os grupos formais abrigam, atualmente, em torno de 170 produtores.

2.2 Proposta de Ações

A partir da análise da literatura e dos resultados obtidos, pode-se apresentar algumas sugestões que visam contribuir com as diversas ações em andamento e que estão sendo implementadas por todos aqueles que são identificados e comprometidos com a produção orgânica do Distrito Federal.

Todas estas sugestões estão no campo das idéias, portanto sendo necessário, para colocá-las em prática, formatá-las e promover os estudos necessários que indiquem as suas viabilidades.

1. Fazer parcerias com os Hotéis Fazenda existentes no entorno de Brasília no sentido de implantar em parte de suas áreas pequenos canteiros com a utilização de práticas Agroecológicas;
2. Desenvolver junto a pessoas que tenham chácaras ou residam em casas com áreas verde privilegiadas, a idéia de “adotar” uma pequena família de trabalhador rural e implantar um sistema orgânico, mínimo, numa pequena área dessa sua propriedade;
3. Desenvolver a idéia, junto a grupos vizinhos de produtores rurais orgânicos, de se fazer uma “feirinha verde”, permanente na área de suas propriedades;
4. Por extensão dessa idéia, montar feira semelhante junto com a prefeitura ou administração da cidade ou da região onde estão concentrados estes produtores, uma vez por semana;
5. Incrementar nas “feiras verdes” existentes áreas tipo “praças de alimentação”, onde seriam degustadas produções gastronômicas preparadas com produtos orgânicos;

6. Montar um pequeno projeto que poderia ser chamado “HORTA EM CASA”, onde as pessoas seriam orientadas e assessoradas para montarem pequenas hortas de ervas utilizadas na gastronomia, por exemplo, em suas casas, ou até mesmo nas varandas dos seus apartamentos.

7. Finalmente, montar uma feira permanente com uma dimensão maior e com a participação de todos os produtores orgânicos das diversas correntes existentes no DF. O conceito/ formato dessa feira seria basicamente o seguinte:

- Infra-estrutura bem definida e adequada;
- Ambientação bem projetada, criativa e compatível;
- Área principal destinada a divulgação, exposição e comercialização de produtos orgânicos;
- Áreas para comercialização de outros produtos, p.ex. livraria, utensílios de gastronomia, produtos reciclados, etc.
- Áreas de gastronomia destinada a cafeterias, lanchonetes, bares, restaurantes, cursos e degustações, etc;
- Áreas destinadas a produções culturais como, peças, shows musicais, filmes, exposições, etc.

Resumindo o conceito, todas as atividades previstas seriam desenvolvidas dentro de uma área física que seria adaptada ao conceito básico, qual seja:

- o Ruas principais e ruas secundárias destinadas a lojas e demais equipamentos de uso coletivo e comercial;
- o Nos cruzamentos seriam instalados coretos/ arenas, destinados às apresentações culturais e artísticas;
- o Numa área central, limitada pelas ruas principais e pelas ruas secundárias, seria montada uma praça principal destinada a comercialização de produtos orgânicos.

Observamos que este modelo, (projeto), seria modulado e adaptável a cada área física de um bairro, uma vila, um pequeno município ou uma pequena cidade.

Todas estas sugestões teriam que ser conduzidas, inicialmente, a partir de uma discussão envolvendo todos os segmentos e correntes existentes dentro do movimento orgânico do Distrito Federal. Em seguida, para aquelas ações consideradas válidas, seriam definidas as prioritárias e desenvolvidos Planos de Negócio específicos que justificariam a sua implementação.

3. CONCLUSÃO

Neste trabalho, realizou-se uma revisão da literatura sobre a Agricultura Orgânica no Brasil e no mundo e constatou-se que o sistema de manejo orgânico não é simplesmente se produzir alimentos “limpos”, isentos de agrotóxicos. Ele apresenta particularidades que vão desde as peculiaridades do solo até a postura do produtor.

Percebeu-se que a Agricultura Orgânica apesar de ser recente a sua prática está presente na vasta literatura disponível, cada vez mais no dia a dia das pessoas que buscam uma qualidade de vida melhor, em restaurantes especializados e, principalmente, nas suas particulares “feiras verdes” onde ela se difunde.

Esclareceu-se durante o trabalho, que os produtos orgânicos são mais saudáveis sob todos os aspectos e ficando provado que o homem pode produzir alimentos e outros produtos vegetais e animais, estabelecendo um convívio amigável com o meio ambiente, com a mínima intervenção possível. .

Com o objetivo de dar uma visão mais precisa a respeito do tema, enumerou-se e discorreu-se sobre as diversas correntes que originaram e que fundamentam os métodos orgânicos de produção.

Neste trabalho mostrou-se os principais avanços do sistema orgânico que ocorreram recentemente e a existência de excelentes perspectivas para a consolidação do modelo agroecológico, no Brasil.

Ficou comprovado também que a Agricultura Orgânica deixou de ser um sistema marginal para, aos poucos ir ganhando reconhecimento da sociedade como um todo, fato este evidenciado nos altos índices de crescimento que vem apresentando ano a ano, como ficou demonstrado.

Observou-se que apesar da diversidade de estratégias do movimento orgânico nacional, em relação ao mercado, existe uma forte integração que é o comprometimento com os princípios da preservação da biodiversidade na produção agropecuária, da preservação ambiental, do “solo vivo” e com a inclusão da agricultura familiar e justiça social nas relações de trabalho, na produção e comercialização.

Constatou-se através da pesquisa de campo elaborada, que o perfil do consumidor orgânico do DF está de acordo com os padrões dos freqüentadores das diversas feiras existentes no Brasil, pois contempla aspectos de fidelidade, compra sempre nas feiras verdes, admitem pagar mais por estes produtos em função dos seus valores agregados e, finalmente, enfatizam os benefícios trazidos pelos mesmos para sua saúde e de seus familiares, além da preservação da saúde do meio ambiente.

Finalmente, fez-se uma abordagem geral sobre o estágio da Agricultura Orgânica no Distrito Federal, constatando-se o alto grau de consciência e comprometimento daqueles que estão envolvidos com esta prática, fato este que facilitou e nos permitiu apresentar as sugestões e idéias contidas neste trabalho e que poderão contribuir para o crescimento e consolidação desse processo.

“A natureza está ameaçada e a humanidade encontra-se numa encruzilhada civilizatória. Precisamos desenvolver um novo conjunto de significados, um novo senso de valores, capazes de redefinir nossas prioridades, na direção de um futuro justo, eqüitativo, solidário e ambientalmente sustentável. Fomos capazes de construir um grande progresso material,... mas, por outro lado somos testemunhas de um mundo socialmente polarizado e ambientalmente degradado”. (JARA, 1988:13)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A QUESTÃO AMBIENTAL NO DISTRITO FEDERAL. Brasília: SEBRAE/DF, 2003.
- BEZERRA, M. C. L.; FERNANDES, M. A., (Coord. Geral) **Cidades sustentáveis: subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis; Consórcio Parceria 21 IBAM-ISER-REDEH, 2000.
- CERVEIRA, R. e CASTRO, M. C. , **Perfil de Consumidores de Produtos Orgânicos da Cidade de São Paulo** – características de um padrão de consumo. Disponível na Internet URL: www.megaagro.com.br. Acesso em outubro de 2004.
- COLIN, T. – **Os alimentos do futuro**. São Paulo: Publifolha, 2002.
- DAROLT, M. R. **As Dimensões da Sustentabilidade: um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba-PR**. Curitiba, 2000
- DAROLT, M. R. **Agricultura orgânica: inventando o futuro**. Londrina: IAPAR, 2002.
- FABRÍCIO, R. et al. **Como tornar sua fazenda orgânica**. Viçosa-MG: CPT, 2002.
- FARIA, A. et.al. **Guia de Produtos Orgânicos do Distrito Federal**. Brasília: SEBRAE, 2003.
- HENRIQUE, C. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- HERMANN, K. et al. **Agenda 21 local**. Experiências da Alemanha, do Nordeste e Norte do Brasil. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2003.
- KHATOUNIAM, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001.
- KÜSTER, A.; MARTÍ, J. F. (Org.) **Agricultura familiar, agroecologia e mercado no Norte e Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.
- MONTORO, T. S., (Org.) **Cultura do turismo: desafios e práticas sócio-ambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.

ORMOND, J. G. P. et al. **Agricultura orgânica:** quando o passado é presente. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2002.

Souza , Ana P. O. e Alcântara, Rosane L. C. Um Estudo Exploratório Sobre as Possibilidades do Brasil no Mercado Internacional. Disponível na Internet <http://www.planetaorganico.com.html>. Acesso em julho 2004

SALOMON, D.V. **Como fazer uma monografia.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TURISMO RURAL NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO. Brasília: SEBRAE, 2003.

WORKSHOP DE OLERICULTURA ORGÂNICA NA REGIÃO AGROECONÔMICA DO DISTRITO FEDERAL. 1., Brasília-DF. Anais... Brasília: Embrapa Hortaliças / EMATER-DF, 2001.

PESQUISA				
NOME		SEXO	M () F ()	IDADE
ESTADO CIVIL	SOLTEIRO			
	CASADO			
	SEPARADO			
ESCOLARIDADE		TIPO DO IMÓVEL		
SUPERIOR C/ PÓS GRADUAÇÃO		CASA		
SUPERIOR COMPLETO		APARTAMENTO		
CURSANDO FACULDADE		OUTRO		
CURSO MÉDIO		CONDIÇÃO DO IMÓVEL		
CURSO PRIMÁRIO		PRÓPRIO		
RESIDÊNCIA		ALUGADO		
ASA SUL		OUTRA		
ASA NORTE		1. QUAL A FREQUÊNCIA DE CONS DE PRODUTOS ORGÂNICOS?		
LAGO SUL		SEMPRE		
LAGO NORTE		FREQUENTEMENTE		
CRUZEIRO		RARAMENTE		
SUDOESTE		PRIMEIRA VEZ		
VILA PLANALTO		2. QUANDO COMEÇOU A CONSUMÍ-LOS?		
GAURÁ		0 A 1 ANO		
ÁGUAS CLARAS		2 A 4 ANOS		
TAGUATINGA		5 A 7 ANOS		
SOBRADINHO		MAIS DE 7 ANOS		
OUTRO		QUAL?		
PERGUNTAS				
3. COMO TOMOU CONHECIMENTO DOS PRODUTOS ORGÂNICOS?				
ESTUDOS				
PALESTRAS				
FAMILIARES				
AMIGOS				
PROPAGANDA				
MÍDIA				
OUTROS MEIOS				
4.FATORES DE MOTIVAÇÃO DO CONSUMO EM ORDEM DE IMPORTÂNCIA (1 A 8)				
OUTROS				
PREÇO				
MEIO AMBIENTE				
VALOR BIOLÓGICO				
SEM AGROTÓXICO				
DURABILIDADE				
APARÊNCIA				
SAÚDE				
5.QUANTO EM % ADMITE PAGAR A MAIS PELOS PRODUTOS ORGÂNICOS?				
0%				
5%				
10%				
15%				
20%				
25%				
30%				
>30%				
6.UTILIZE OS CONCEITOS, (EX., B, R, F., M. DEFICIENTE OU NÃO SABE), PARA OS ITENS ABAIXO				
DIVERSIDADE	EMBALAGENS	SEG. ALIMENTAR	REGULARIDADE	POSTOS DE VENDA
LOCAL:				
Brasília, _____, de 2004.				